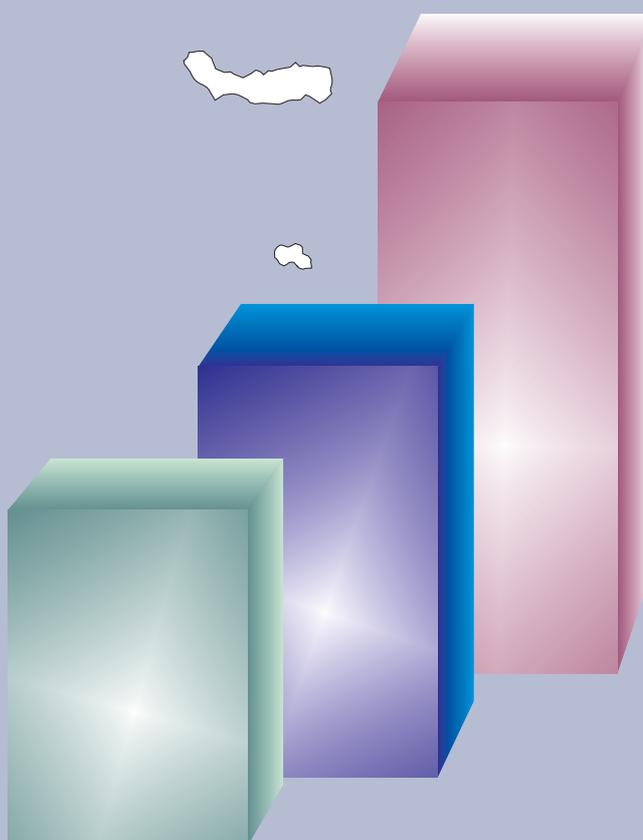
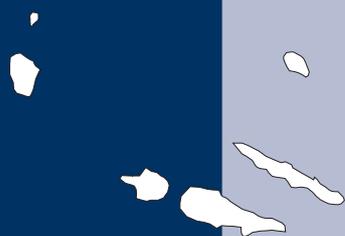




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2011



Outubro

11/2012

ÍNDICE

	Pág.
Introdução.....	5
0. Contas Regionais	7
1. População.....	11
2. Mercado de Trabalho	17
3. Preços no Consumidor	21
4. Moeda e Crédito	23
5. Finanças Públicas.....	27
6. Agricultura	31
7. Pescas	37
8. Energia	41
9. Comércio com o Estrangeiro	45
10. Turismo.....	47
11. Transportes.....	51
12. Educação.....	55
13. Desporto	59
14. Cultura	61
15. Saúde	63
16. Segurança Social	67
17. Sociedade da Informação.....	71

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, outubro de 2012

0. CONTAS REGIONAIS

O processo de contabilidade económica nacional além de ter passado de uma base cálculo do ano 2000 para o ano de 2006, também registou recentemente, em termos da respetiva desagregação por regiões, de ajustamentos de método e de instrumentos auxiliares de recolha de informação.

Para o ano de 2010, o PIB na Região Autónoma dos Açores foi calculado no montante 3 728 milhões de euros a preços de mercado, e numa média de 15,2 mil euros por residente naquele mesmo ano.

A variação anual da produção calculada cresceu à taxa de 2,1% em termos nominais. Este crescimento anual também foi observado a nível de rendimento médio por pessoa, já que o número estimado para a população residente manteve uma certa estabilidade.

Produto Interno Bruto (Base 2006) a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

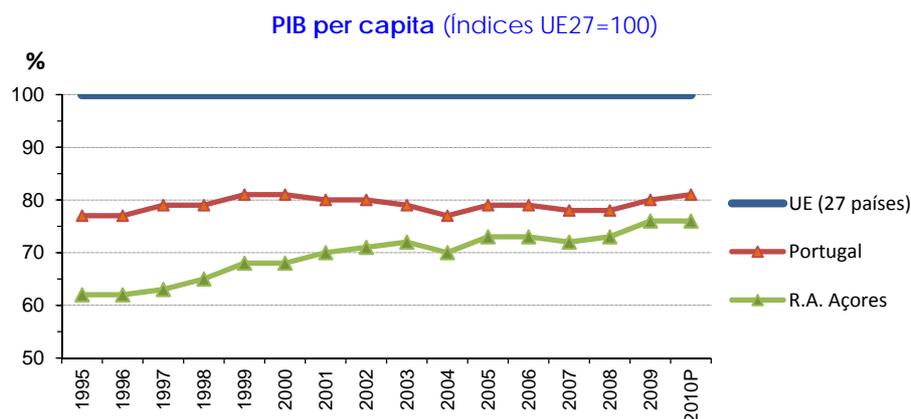
	Açores	País	Açores/País %	PIB per capita (mil euros)	PIB per capita (País=100)	PIB per capita (UE27=100)
1995	1 684	87 841	1,92	7,1	81	62
1996	1 778	93 216	1,91	7,5	81	62
1997	1 904	101 146	1,88	8,0	80	63
1998	2 105	110 377	1,91	8,9	82	65
1999	2 321	118 661	1,96	9,8	84	68
2000	2 456	127 317	1,93	10,4	83	68
2001	2 694	134 471	2,00	11,4	87	70
2002	2 883	140 567	2,05	12,1	89	71
2003	2 990	143 472	2,08	12,5	91	72
2004	3 099	149 313	2,08	12,9	91	70
2005	3 241	154 269	2,10	13,4	92	73
2006	3 390	160 855	2,11	14,0	92	73
2007	3 549	169 319	2,10	14,6	91	72
2008	3 689	171 983	2,14	15,1	93	73
2009	3 650	168 504	2,17	14,9	94	76
2010P	3 728	172 571	2,16	15,2	94	76

P = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Comparando a evolução do índice per capita dos Açores com o da país e com o da União Europeia a 27, verifica-se que foram mantidos índices equivalentes aos do ano anterior, de 94 e 76, respetivamente.

Já o índice do país no seu conjunto, e em relação à mesma União Europeia, situou-se a um nível na ordem de 80%.



Observando a evolução dos diversos ramos das atividades económicas, através dos respetivos VABs-Valores Acrescentados Brutos, continua a verificar-se um reforço dos serviços em relação às atividades produtivas nos sectores primário e secundário.

Todavia, os dados preliminares para o ano de 2010 apontam no sentido de alguns ramos terem registado diferenças em relação à evolução geral referida.

Será o caso em atividades públicas e outros serviços de ordem social, onde os 1 072,0 milhões de euros representam uma contenção em termos nominais e uma retração em termos reais.

Será também o caso do ramo de construção que, em sentido contrário, não agravou a queda significativa registada no ano anterior.

VAB por Ramos de Actividades Económicas

Unid.: milhões de Euros

	Total	Primário	Industrial e Energia	Construção	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços
1995	1 482,0	196,3	105,0	129,4	385,8	227,7	437,7
1996	1 559,0	204,2	112,8	129,9	406,4	229,4	476,5
1997	1 673,2	203,2	124,4	147,9	432,1	248,7	517,0
1998	1 840,0	218,9	152,2	167,1	472,5	261,4	567,8
1999	2 022,2	251,0	160,7	171,2	528,7	291,6	618,9
2000	2 151,5	252,4	177,6	174,7	558,5	306,1	682,2
2001	2 362,6	252,5	185,2	216,5	622,8	332,4	753,2
2002	2 520,1	266,6	205,4	224,7	667,2	342,4	813,8
2003	2 610,3	268,4	219,3	211,4	704,9	374,2	832,0
2004	2 705,1	276,9	230,0	226,4	740,7	376,0	855,1
2005	2 801,9	278,4	242,8	217,3	771,9	399,8	891,8
2006	2 915,9	273,7	260,5	220,6	811,9	423,2	926,1
2007	3 064,4	250,3	288,4	245,8	838,2	449,6	992,1
2008	3 202,6	276,4	297,0	257,7	865,7	490,9	1 015,0
2009	3 221,5	273,2	299,8	226,3	875,5	472,6	1 074,1
2010P	3 262,6	273,1	304,5	227,3	899,7	486,0	1 072,0

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Os dados para a Formação Bruta de Capital relativos aos anos de 2006 a 2009 representam na generalidade cerca de 1/4 da produção total contabilizada naqueles mesmos anos.

Os ramos mais associados aos diversos serviços agregam os maiores volumes de investimentos e, conseqüentemente exercem maior efeito sobre a evolução global.

Entretanto, ramos com menor representatividade também revelam efeitos significativos sobre a evolução geral, nomeadamente em função de momentos específicos de conjuntura.

FBCF - Formação Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

Anos	Primário	Industrial e Energia	Construção	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços	Totais
2006	13,5	105,5	34,2	248,8	222,7	222,3	847,0
2007	25,6	108,1	51,6	396,0	229,1	227,5	1 037,8
2008	15,0	112,9	28,7	397,4	197,1	275,1	1 026,2
2009	18,3	169,8	19,2	220,5	224,7	319,4	971,8

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Entre os Rendimentos Primários Brutos obtidos pelos agentes económicos nos processos produtivos e os respetivos rendimentos disponíveis, observam-se anualmente variações que decorrem de diferenças entre saldos de impostos, contribuições sociais, prestações sociais e outras transferências.

Os dados dos anos mais recentes têm mantido certa regularidade em termos de margens dos rendimentos disponíveis em relação aos respetivos rendimentos primários.

Rendimentos

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2006	2 520	2 516
2007	2 570	2 595
2008	2 732	2 773
2009	2 743	2 798

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

1. POPULAÇÃO

Recenseamento de 2011, resultados provisórios

Os dados provisórios do recenseamento realizado a 21 de Março de 2011 registam um total de 246 746 habitantes com residência habitual nos Açores.

Já a população que na mesma data se encontrava presente nos alojamentos de tipo familiar ou coletivo (hotéis, quartéis, etc.), quer fosse ou não residente no alojamento onde foi recenseada, formava um conjunto agregado de 239 773 pessoas.

Os elementos deste conjunto de pessoas presentes correspondem a 97,2% do número total das pessoas residentes à mesma data, o que representa uma proporção aproximada da média nacional e da generalidade das regiões portuguesas. Só em regiões com características socioeconómicas diferenciadoras, como a de maior especialização turística, o número de pessoas presentes foi maior do que o das residentes.

Os resultados provisórios mostram também que o número de mulheres continua a ser maior que o dos homens. Por cada 100 mulheres contaram-se 97 homens nos Açores. Este índice de masculinidade é o mais elevado no contexto português, onde a média corresponde a cerca de 92. Os níveis masculinidade não são significativamente diferentes conforme se considera o universo da população residente ou o da presente.

Estrutura Etária da População Residente nos Açores

Zona Geográfica	População Residente		População Presente		População Presente / População Residente %		Masculinidade * %
	HM	H	HM	H	HM	H	
Portugal	10 561 614	5 047 387	10 281 794	4 869 537	97,4	96,5	91,5
Continente	10 047 083	4 799 593	9 769 071	4 622 912	97,2	96,3	91,5
Norte	3 689 609	1 766 450	3 583 414	1 695 621	97,1	96,0	91,9
Centro	2 327 580	1 111 400	2 258 335	1 066 494	97,0	96,0	91,4
Lisboa	2 821 699	1 334 983	2 731 278	1 281 763	96,8	96,0	89,8
Alentejo	757 190	366 760	733 219	352 932	96,8	96,2	93,9
Algarve	451 005	220 000	462 825	226 102	102,6	102,8	95,2
RAA	246 746	121 533	239 773	118 184	97,2	97,2	97,1
RAM	267 785	126 261	272 950	128 441	101,9	101,7	89,2

* Calculada pelo nº de homens em relação ao número de mulheres da População Residente.

Fonte: INE, resultados provisórios, Censo 2011.

Observando as grandes categorias da estrutura etária verifica-se que os Açores registaram entre as regiões portuguesas uma proporção de população jovem relativamente elevada (17,9%) e de população idosa relativamente reduzida (13,3).

Desta forma o nível de envelhecimento é mínimo, traduzindo-se num índice de 74 idosos por cada 100 jovens, sendo a média portuguesa de 120 idosos.

Um padrão etário, com peso significativo de juventude e relativamente equilibrado na distribuição entre as gerações, favorece a sustentabilidade demográfica e social.

Efetivamente, os dados do censo mostraram uma relação de 5,2 pessoas em idade ativa por cada indivíduo com mais de 65 anos. Este nível de sustentabilidade potencial é significativo comparado à respetiva média nacional de 3,4.

Estes elementos de estrutura etária açoriana correspondem ao momento do recenseamento geral da população, todavia, situando-se num processo de transformação que é referido à frente, no âmbito dos dados anuais sobre evolução recente.

Estrutura Etária da População Residente

Zona Geográfica	Total	0-14 anos	15-64 anos	65 ou mais anos
Portugal	100	14,9	66,0	19,1
Continente	100	14,8	65,8	19,4
Norte	100	15,1	67,7	17,2
Centro	100	13,7	63,8	22,5
Lisboa	100	15,5	66,1	18,4
Alentejo	100	13,6	62,1	24,3
Algarve	100	14,9	65,5	19,6
RAA	100	17,9	68,8	13,3
RAM	100	16,4	68,5	15,0

Fonte: INE, resultados provisórios, Censo 2011.

A distribuição da população, segundo a formação escolar e académica, mostra que a abrangência pelos níveis de instrução e de qualificação mais elevados revela margens para progredir no âmbito do sistema nacional.

Efetivamente, e por exemplo, a população açoriana com ensino secundário completo representava 10% do total e com o superior 8,4% do mesmo total, enquanto a nível nacional as respetivas médias já eram de 12,9% e 12,0%.

Nível de Ensino

Zona Geográfica	Total	Nenhum ciclo	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Pós-secundário	Superior
Portugal	100	19,2	25,4	13,3	16,0	12,9	1,4	12,0
Continente	100	19,0	25,3	13,1	16,0	13,0	1,4	12,1
Norte	100	18,8	27,6	15,2	15,5	11,5	1,1	10,3
Centro	100	20,2	27,5	12,7	15,7	12,1	1,2	10,6
Lisboa	100	17,2	20,7	11,2	16,8	15,6	1,8	16,7
Alentejo	100	23,0	26,4	12,4	15,8	12,4	1,1	8,9
Algarve	100	20,0	23,2	11,9	17,6	14,8	2,0	10,5
RAA	100	21,0	26,8	17,4	15,5	10,0	1,0	8,4
RAM	100	21,8	26,2	14,8	14,5	11,5	1,4	9,9

Fonte: INE, resultados provisórios, Censo 2011.

Evolução Recente, dados anuais

Os dados anuais mais recentes mostram um saldo fisiológico de 373 indivíduos, cujo crescimento em relação ao ano anterior interrompe a desaceleração observável, desde 2007, em termos de contributo anual para a evolução demográfica.

Decomposição da Evolução Demográfica

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Saldo fisiológico	471	597	562	353	253	373
Saldo migratório	306	391	212	241	473	n.d.

Fonte: INE, SREA.

A evolução do saldo fisiológico beneficiou, simultaneamente, de uma redução no número de óbitos, aliás na parte mais significativa, e de um aumento no número de nados vivos.

Evolução das Componentes dos Saldos Fisiológicos

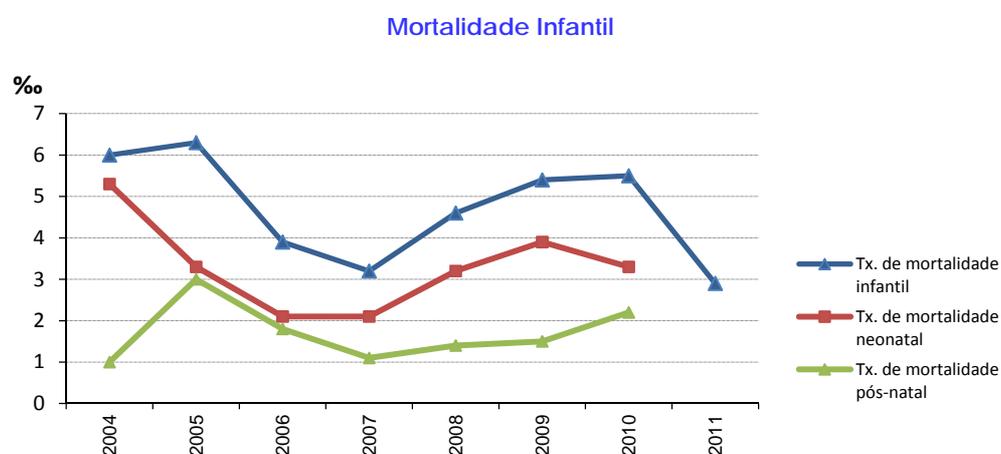
	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Nados vivos.....	2 810	2 847	2 836	2 786	2 719	2 748
Óbitos.....	2 339	2 250	2 274	2 433	2 466	2 375

Fonte: INE, SREA,

Em 2011, a mortalidade infantil decresceu, registando uma taxa inferior aos dados conhecidos no âmbito da respetiva série.

Os outros dados sobre mortalidade infantil registam observações apenas até 2010. Neste ano, a mortalidade neonatal (óbitos de crianças com menos de 28 dias) situou-se a uma taxa de 3,3%, representando um amortecimento em relação às variações nos anos anteriores.

Já a taxa de 2,2% da mortalidade pós-neonatal deu continuidade à linha de variação anual registada desde o ano de 2007.



Em 2011 realizaram-se 1 023 casamentos, número menor que no ano anterior.

Para o ano de 2010, os números conhecidos para divórcios e separações também foram inferiores aos do respetivo ano anterior.

Nupcialidade

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Casamentos	1 465	1 304	1 345	1 207	1 214	1 023
Divórcios	593	749	771	787	743	n.d.
Separações	5	2	7	8	3	n.d.

No que respeita à evolução, segundo grandes grupos etários, terá continuado a verificar-se em 2011 uma participação decrescente dos jovens, a par de um acréscimo na população com mais de 65 anos. Estas variações são integráveis em linhas de tendência anteriores, repercutindo-se em alterações na estrutura demográfica. Mais concretamente numa certa aproximação ao padrão nacional em termos de características de equilíbrios entre gerações e de sustentabilidade demográfica, referidos em parágrafos anteriores no âmbito dos elementos estruturais revelados pelos dados do censo de 2011.

Estrutura Etária da População

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
População com menos 15 anos	19,4	19,1	18,8	18,6	18,3	17,9
População dos 15-64 anos	68,2	68,5	68,8	69,1	69,2	68,8
População com mais de 64 anos	12,4	12,4	12,4	12,3	12,5	13,3

Fonte: - INE.

2. MERCADO DE TRABALHO

Segundo a nova série do Inquérito ao Emprego do Serviço Regional de Estatística, a população média anual ativa para o ano de 2011 foi de 120 591 indivíduos.

Este dado da nova série faz parte das estimativas que foram calibradas de modo a proporcionar certa base de comparabilidade com outras estimativas independentes da população. As estimativas a este nível de agregação apresentam erros de amostragem menores, registando-se no caso da população ativa em 2011 um coeficiente de variação de apenas 1,7% no último trimestre do ano.

Já as estimativas a níveis mais detalhados registam erros de amostragem maiores, como o caso dos dados sobre o desemprego que, no mesmo período registou um coeficiente de variação de 8,1%.

Condição da População Perante o Trabalho

	Nº Indivíduos		
	2009	2010	2011*
População Ativa	120 290	118 424	120 591
Empregada	112 171	110 286	106 743
Desempregada	8 118	8 139	13 848
População Inativa	124 904	127 505	125 504
Tx. de Atividade (%)	49,1	48,2	49,0
Tx. de Atividade Feminina (%)	39,7	38,8	41,1
Tx. de Desemprego (%)	6,7	6,9	11,5

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A desagregação da população inativa aparentemente revela orientação das categorias de estudantes, de domésticos e de reformados para a categoria mais agregada e indefinida de "outros inativos".

Para esta situação terá contribuído a alteração de critérios nalgumas categorias do novo inquérito, nomeadamente no âmbito dos inquiridos como estudantes e como reformados.

Na categoria de estudantes foi introduzida a condição etária de ser maior de 15 anos, pelo que os restantes estudantes (dos 5 aos 14 anos) passam a ser classificados em outros ativos.

Na categoria “reformado” eram incluídos reformados e pensionistas, mas no questionário atual são incluídos apenas os reformados do trabalho (indivíduos que já tenham trabalhado e que, por isso, se encontram reformados).

População Inativa

	Nº Indivíduos		
	2009	2010	2011*
População Inativa.....	124 904	127 505	125 504
Estudantes.....	18 290	18 902	19 313
Domésticos	27 038	28 701	22 861
Reformados	25 197	25 532	16 890
Outros Inativos.....	54 378	54 370	66 440

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Na distribuição da população ativa empregada segundo os setores de atividade, parece continuar a revelar-se um alargamento da preponderância de serviços. Aliás, é no setor de serviços que as estimativas são apresentadas com certa fiabilidade.

População Ativa Empregada por Setores de Atividade

	%		
	2008	2009	2010*
Sector Primário	12,7	11,3	12,7
Sector Secundário.....	24,4	23,8	19,9
Sector Terciário	62,9	64,9	67,4
Total.....	100,0	100,0	100,0

* Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A distribuição segundo as profissões mostra um certo paralelismo em termos de dimensões das, e entre as, diversas categorias.

Entretanto, as profissões intelectuais, científicas e técnicas parecem dar continuidade a um reforço de representatividade.

Já a perda de representatividade parece ser a alteração mais evidente entre operários e profissões classificadas como de artífices.

População Ativa Empregada, por Profissão

	Nº Indivíduos		
	2009	2010	2011*
Quadros e dirigentes.....	4 185	4 523	3 446
Profissões intelectuais e científicas	6 761	8 002	11 392
Profissões técnicas intermédias.....	9 198	9 944	10 257
Administrativos	10 881	12 259	8 137
Pessoal serviços e vendas	20 132	16 986	17 480
Agricultores e pescadores	14 166	12 420	13 148
Operários, artífices.....	21 317	20 391	15 922
Operadores e condutores	6 319	6 192	6 374
Trab. não qualificados.....	18 420	18 152	19 620

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O grau de participação ativa dos indivíduos no mercado de trabalho nos Açores revela uma aproximação significativa a padrões de economias mais abrangentes, como a de Portugal e da União Europeia.

Todavia, haverá fatores de organização e estrutura que revelam maiores diferenças, como deixam transparecer as distribuições relativas aos níveis de escolaridade completos.

Elementos de Estrutura, 2011*

	Açores	Portugal	UE (27 países)
Taxa de Atividade			
Total	49,0	52,5	48,6
Homens	58,4	57,3	54,5
Mulheres.....	39,7	48,0	43,0
Nível de Escolaridade Completo (%)			
Até ao básico, 3º ciclo	75,5	67,4	22,8
Secundário	14,7	16,8	49,1
Superior	9,7	15,8	28,1

*Nova série

Fontes: SREA / INE e Eurostat.

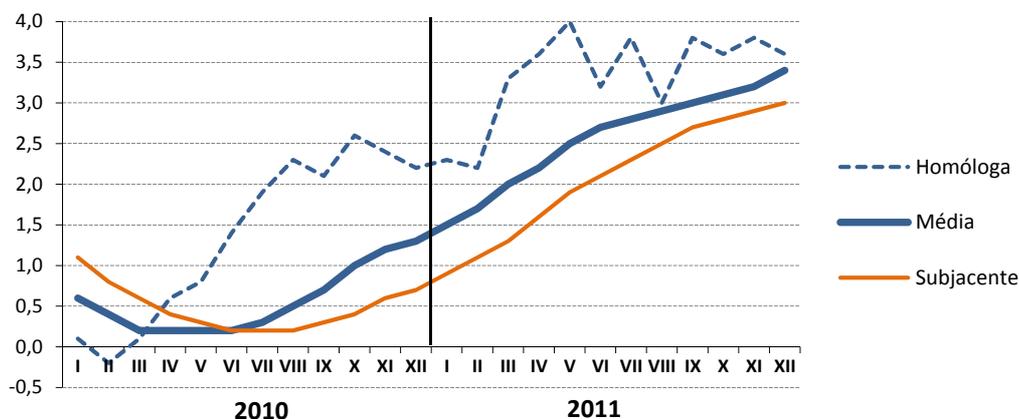
3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

Durante o ano de 2011, a variação de preços no consumidor intensificou-se, tendo a respetiva taxa média anual atingido 3,4%, enquanto no ano anterior correspondera a 1,3%.

Neste crescimento de preços participaram aumentos de custos em aquisições de bens energéticos e de produtos alimentares não transformados. Efetivamente, não contabilizando estes produtos, a respetiva inflação subjacente regista uma taxa a um nível inferior.

Conforme a desagregação intra-anual permite verificar, a aceleração de preços no consumidor foi mais intensa e mais frequente nos primeiros meses do ano.

Evolução de Preços no Consumidor, em 2011



Analisando as 12 classes de produtos e serviços que constituem a base do índice de preços no consumidor, constata-se que as variações mais significativas se registaram em 4 classes:

- Transportes,
- Habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis,
- Bebidas alcoólicas e tabaco e,
- Saúde.

Variações de preços nas duas primeiras classes agora referidas, a de Transportes e a de Habitação, água, eletricidade, gás e outros

combustíveis, já se tinham evidenciado no ano anterior, destacando-se que os dados empíricos apontavam no sentido de os maiores efeitos ocorrerem em grupos de serviços mais consumidores de energia importada.

Por sua vez, as variações de preços na classe de Bebidas alcoólicas e tabaco e na de Saúde só durante este ano de 2011 revelaram efeitos mais significativos em termos de contributo para a evolução geral. Estas variações de preços, para além de fatores de ordem geral, terão sido condicionadas por níveis de fiscalidade e da própria formação de preços.

Entretanto, assinala-se que a classe com maior ponderação no cabaz de bens do IPC, a de Bens Alimentares e Bebidas não Alcoólicas, registou uma contribuição mínima para a inflação, já que a própria variação de preços foi contida.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2011

Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponderadores (peso)	Contribuição
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas	0,2	22,1	0,0
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco	11,3	4,0	0,5
3. Vestuário e Calçado	0,1	5,3	0,0
4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis ...	4,8	9,7	0,5
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação .	0,5	8,5	0,0
6. Saúde	8,4	7,7	0,7
7. Transportes.....	6,8	17,8	1,2
8. Comunicações.....	3,1	3,5	0,1
9. Lazer, Recreação e Cultura	1,8	6,0	0,1
10. Educação.....	1,1	1,1	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	2,0	5,8	0,1
12. Bens e Serviços Diversos	1,1	8,6	0,1
Total	3,4	100,0	3,4

Fonte: SREA.

4. MOEDA E CRÉDITO

No último exercício económico de 2011, foram captados 3015 milhões de euros em depósitos e concedidos 4723 milhões de euros em créditos pela rede de balcões dos diversos bancos com atividade nos Açores.

A relativa aproximação do nível de empréstimos do sistema bancário ao respetivo nível de geração de poupança ficou a dever-se mais à evolução dos créditos concedidos do que à dos depósitos captados durante o mesmo período.

Estes números refletem e fazem parte, de linhas de evolução decorrentes das condições envolventes às atividades económicas na região e aos reajustamentos em termos de políticas com vista a reequilíbrios de balanços financeiros.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos ¹⁾	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2007.....	2 446	4 065	166,2
2008.....	2 834	4 446	156,9
2009.....	2 931	4 646	158,5
2010.....	3 065	4 816	157,1
2011.....	3 015	4 728	156,7
Relativa Nominal (Δ %)			
2008/2007.....	15,9	9,4	
2009/2008.....	3,4	4,5	
2010/2009.....	4,6	3,7	
2011/2010.....	-1,6	-1,9	
Relativa "Real (2)" (Δ %)			
2008/2007.....	12,4	6,1	
2009/2008.....	2,6	3,7	
2010/2009.....	3,2	2,3	
2011/2010.....	-4,9	-5,2	

1) Não inclui crédito titulado.

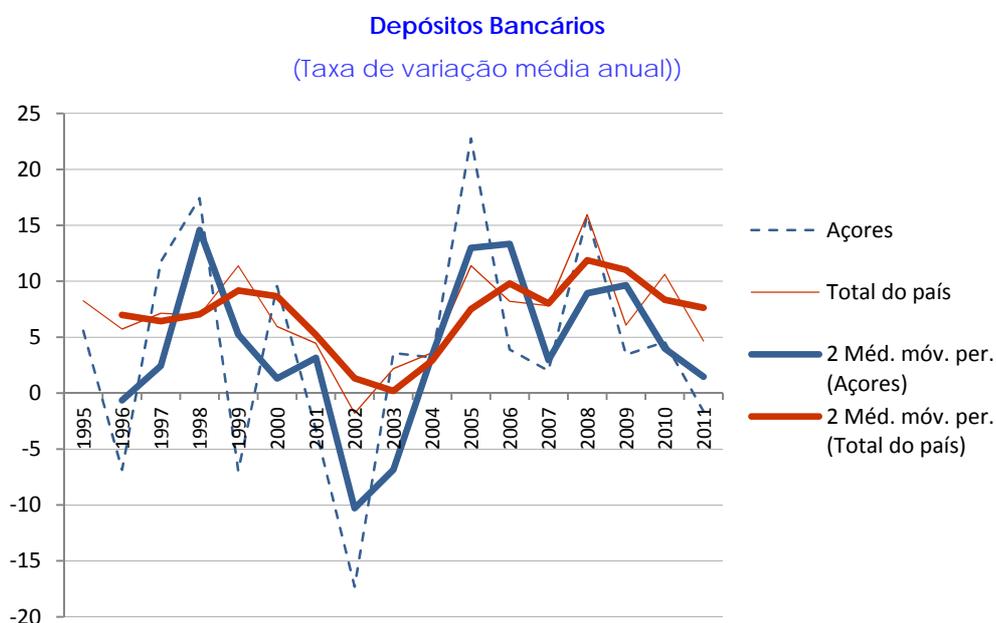
2) Considerando a evolução do IPC.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt

Depósitos

Os depósitos captados em 2011 pela rede bancária, que se traduziram no montante já referido inicialmente de 3015 milhões de euros, representam uma redução de 1,6% em relação ao ano anterior.

Esta redução expressa uma quebra na captação de poupança pelo sistema bancário, mesmo em termos nominais. Entretanto, aparentemente integra-se nos efeitos da desaceleração esboçável com a crise financeira depois de 2008.



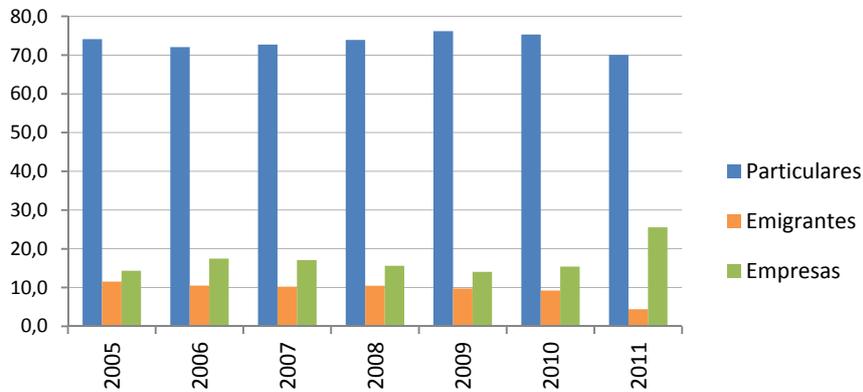
Os depósitos de particulares continuaram a representar a parte mais significativa, mas situando-se ligeiramente aquém das quotas superiores a 70%, onde vinham flutuando anteriormente.

A poupança com origem nos depósitos de emigrantes reduziu-se ainda de forma mais significativa.

Já os depósitos de empresas revelaram uma prática de aforro reforçada, tendo alargado a respetiva quota até 25,6% e entregando à confiança do sistema bancário um volume proporcionalmente maior do que o valor médio dos últimos anos faria esperar.

Depósitos bancários (%)

Distribuições anuais



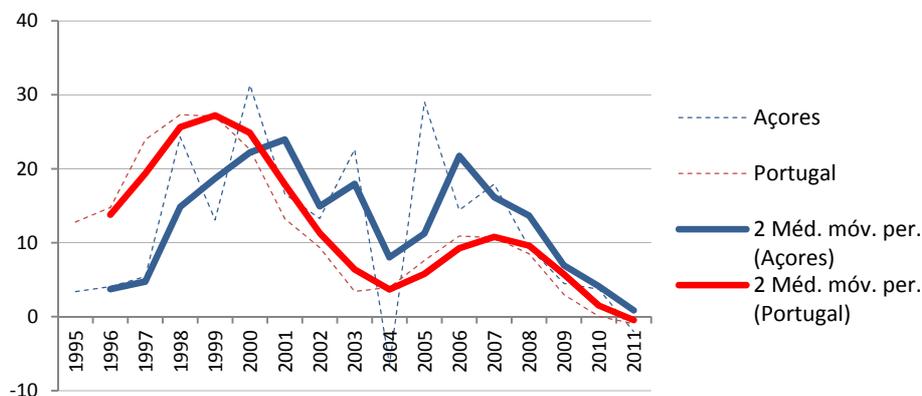
Créditos

Em 2011, o montante de 4723 milhões de euros de créditos concedidos traduz um decréscimo médio anual de 1,9% que, apesar de representar a primeira variação nominal negativa desde que é conhecida a série estatística em 1995, também é integrável na linha de desaceleração iniciada a partir da crise financeira.

A par da deterioração de expectativas no que respeita a diversas atividades económicas, têm sido aplicadas políticas mais restritivas na concessão de crédito, como o aumento de spreads, de comissões e de garantias.

Créditos concedidos

(taxas de variação média anual)



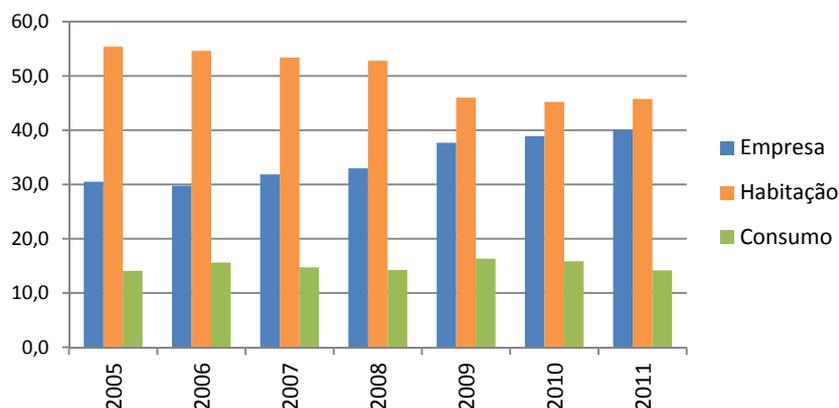
Os empréstimos hipotecários em compras de habitação continuaram a manter o nível mais representativo de aplicações financeiras.

Já o volume de empréstimos contratados com empresas foi alargando a sua quota na carteira de negócios dos bancos, aproximando-se do nível registado com os empréstimos para habitação.

Entretanto, a maior evidência durante o ano de 2011 traduziu-se na confirmação do decréscimo ao consumo, deixando transparecer uma orientação preferencial e efetiva ao crédito a empresas.

Créditos Concedidos (%)

Distribuições anuais



Rede e cobertura bancária

Em termos globais, a atividade bancária nos Açores durante 2011 mostrou uma certa redução quando comparada aos resultados no ano anterior.

Entretanto, e no contexto da economia portuguesa, foram conseguidos níveis de realização apreciáveis, ao mesmo tempo que manteve disponível uma rede bancária com margem operacional significativa.

Rede e Cobertura bancária em 2011

	Unidades	Açores	Pais	Açores/Pais (%)
Depósitos	10 ⁶ Euros	3 015	224 900	1,3
Créditos	10 ⁶ Euros	4 728	253 413	1,9
Balcões.....	Nº	168	6 080	2,8

Fonte: Associação Portuguesa de Bancos.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

Em 2011, o total das Despesas Correntes, mais as de Capital e do Plano da Região Autónoma dos Açores, traduziu-se no montante de 1 006,4 milhões de euros e correspondeu a uma redução na ordem de 33 milhões de euros em relação ao ano anterior.

A componente mais significativa da despesa global, a resultante de encargos correntes, correspondeu ao montante total de 600,4 milhões de euros, situando-se a um nível comparável ao do ano anterior, mais concretamente, não ultrapassando as respetivas despesas mesmo em termos nominais.

Quanto às receitas e respetiva composição de financiamento, verificou-se uma maior cobertura por receitas fiscais (impostos mais taxas) que, crescendo 5,7% em relação ao ano anterior, atingiram o total de 513,9 milhões de euros. Sendo assim, observou-se menor recurso às outras fontes de financiamento, particularmente à de recursos com origem em empréstimos obtidos junto de entidades financiadoras.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)				Estrutura %			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
RECEITAS (Corr.+Capital).....	1 055,5	1 029,9	1 039,7	1 006,7	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais (Imp.+Tax.)	526,6	453,0	486,3	513,9	49,9	44,0	46,8	51,1
Transferências	422,1	467,7	468,0	462,3	40,0	45,4	45,0	45,9
Empréstimos	91,0	50,0	50,0	23,0	8,6	4,9	4,8	2,3
Outras	15,8	59,2	35,4	7,5	1,5	5,7	3,4	0,7
DESPESAS	1 055,0	1 029,5	1 039,2	1 006,4	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	571,5	590,9	600,6	600,4	54,2	57,4	57,8	59,7
Despesas de Capital	92,8	1,7	1,0	0,9	8,8	0,2	0,1	0,1
Despesas do Plano	390,7	436,9	437,7	405,1	37,0	42,4	42,1	40,2

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

Se ao agregado das despesas referido anteriormente se acrescentar fluxos de operações extraorçamentais, com carácter transitório e contabilístico no montante de 249,6 milhões de euros, obtém-se um total de 1 256,0 milhões de euros.

A estrutura das despesas correntes continuou a distribuir-se por encargos com pessoal e transferências, onde as funções sociais de educação e de saúde representam a parte mais significativa.

As despesas de ordem financeira centraram-se nos encargos correntes da dívida de 12,98 milhões de euros, que cresceram em relação ao ano anterior, não se tendo registado amortizações de capital.

Finalmente, as despesas executadas através de programas do Plano somaram 405,1 milhões de euros.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros			
Despesas	2009	2010	2011
Despesas Correntes	590 918	600 552	600 419
Pessoal.....	310 684	319 254	310 932
Aquisição de bens e Serviços.....	17 540	16 992	16 167
Encargos correntes da dívida	11 449	8 945	12 981
Transferências correntes.....	238 911	243 448	248 547
Subsídios	0	0	0
Outras despesas correntes.....	12 334	11 913	11 791
Despesas de Capital	1 688	998	923
Aquisição de bens de capital.....	1 098	396	521
Ativos financeiros	0	0	0
Passivos financeiros (amortizações)	0	0	0
Transferências de capital	0	0	0
Outras despesas de capital.....	590	602	402
Despesas do Plano	436 933	437 658	405 074
Contas de Ordem / Operações extraorçamentais	245 354	259 375	249 634
Total	1 274 894	1 298 583	1 256 050

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

Somando as operações extraorçamentais às receitas obtém-se um total de 1 256,02 milhões de euros entrados na conta da RAA.

A maior cobertura de financiamento por via da arrecadação de receitas fiscais beneficiou sobretudo da componente mais representativa dos impostos indiretos, mas foi em impostos diretos que se observou maior intensidade de crescimento.

No que respeita a transferências, manteve-se uma parcela significativa por razões de ordem corrente, mas foi a parcela mais significativa e justificável em termos de capital que revelou um certo reforço do respetivo peso estrutural.

Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2009	2010	2011
Receitas Correntes	619 044	638 778	664 275
Impostos diretos	170 692	180 714	192 074
IRS	141 674	148 978	145 889
IRC	28 915	31 706	46 138
Outros	103	30	46
Impostos indiretos	274 026	293 987	309 750
Imposto de selo	27 366	21 783	20 282
IVA	152 247	176 151	193 013
Imposto s/ consumo tabaco	26 133	25 613	33 232
Outros	68 280	70 440	63 223
Contribuições Segurança Social	4 643	4 442	4 774
Taxas, multas, outras penalidades	3 685	7 131	7 329
Rendimentos de propriedade	2 227	2 083	2 613
Transferências	146 546	149 334	145 886
Outras receitas	17 222	1 087	1 850
Receitas de Capital	372 081	399 007	339 885
Venda de bens de investimento	41	30 058	349
Transferências	321 120	318 662	316 388
Ativos financeiros	797	284	71
Passivos financeiros	50 000	50 000	23 000
Outras receitas	121	3	78
Outras receitas/ Reposições	38 283	1 888	2 080
Saldo da gerência anterior	492	360	464
Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais .	247 285	257 009	249 317
Total	1 277 184	1 296 682	1 256 021

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

O saldo excedente das contas correntes, durante o exercício de 2011, voltou a garantir a cobertura do défice nas contas de capital, conforme é traduzido pelo saldo global positivo de 0,3 milhões de euros.

Antes do pagamento dos encargos com juros da dívida no exercício de 2011, o chamado saldo primário corresponderia a um excedente de 13,3 milhões de euros.

Saldos – Conta da RAA

	Milhões de Euros		
	2009	2010	2011
Saldo Corrente	28,12	38,2	63,9
Saldo de Capital	-27,76	-37,8	-63,6
Saldo Global	0,36	0,5	0,3
Saldo Primário	11,81	9,4	13,3

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dívida Pública Direta

Com a agregação do empréstimo de 23 milhões de euros que foi referido no início, a dívida pública totalizou 397, 6 milhões de euros no exercício de 2011.

Por sua vez, o serviço da dívida traduziu-se na despesa de 12,98 milhões de euros com juros e diversos encargos, não se observando registo de amortizações.

Dívida Pública Regional

	Mil Euros		
	2009	2010	2011
Dívida Pública Direta	324 614	374 614	397 614
Serviço da Dívida	11 449	8 945	12 981
Juros e outros encargos	11 449	8 945	12 981
Amortizações	0	0	0

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

No ano de 2011, o milho de forragem para alimento de animais continuou a destacar-se pela superfície cultivada e pelo volume registado na produção, respetivamente, cerca de nove mil hectares e de 200 mil toneladas.

A produção de beterraba evidenciou-se pelo crescimento atingido, tendo a superfície cultivada duplicado a área, que passou de 162 ha em 2010 para 321 ha em 2011.

Entre outras culturas, menos volumosas e não representadas no quadro abaixo, também se registaram crescimentos tanto mais significativos quanto as respetivas superfícies se mantiveram praticamente constantes. Este fenómeno ocorreu mais vezes e de forma particularmente mais evidente entre culturas permanentes, como as de laranja, de maçã e de castanha.

Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	Superfície			Produção		
	2009	2010	2011	2009	2010	2011
Batata	720	612	623	12 024	10 220	9 172
Batata doce	51	52	52	1 102	983	1 170
Beterraba Sacarina	135	162	321	6 612	4 163	7 955
Milho Grão.....	285	250	247	770	675	587
Milho forrageiro	10 390	8 559	8 851	364 306	300 713	198 322
Tabaco	39	27	24	97	67	50
Chá	37	37	37	141	109	109

Fonte: INE.

O total de 11 milhões de hl de vinho representa um volume significativo para o ano de 2011, na medida em que no ano anterior somara 4,7 milhões de hl.

A componente mais significativa continuou a verificar-se na classificada como de vinhos tintos e rosados, cujo volume de 8,9 milhões de hectolitros representou 80% do total.

Entretanto, os maiores aumentos de produção ocorreram nos vinhos brancos, incluindo os respetivos licorosos, que representaram os

complementares 20% do total, enquanto no ano anterior tinham representado 16,5%.

Produção de vinhos, R.A.A. - 2011

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP.....	1 433	0	1 433
DOP - Denominação de Origem Protegida	112	0	112
IGP - Identificação Geográfica Protegida	401	1 167	1 568
Com Indicação de Casta	0	0	0
Sem Indicação de Casta.....	209	7 696	7 905
Total.....	2 155	8 864	11 018

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

O volume de leite recebido nas diversas fábricas açorianas atingiu em 2011 um total de 547,6 milhões de litros, o que representa em relação ao ano anterior um crescimento à taxa média de 2,3%.

Já o volume de leite para consumo de 114,2 milhões de litros, também representa um acréscimo em relação ao ano anterior, que se traduziu numa taxa média de 15,3%.

No âmbito de bens lácteos transformados, as variações médias anuais terão-se inserido num processo de valorização do produto. Por exemplo, enquanto decresceu a produção de leite em pó, aumentou a respetiva produção de queijo.

Produção e Transformação de Leite

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	499 801	505 872	506 216	515 728	540 199	535 417	547 576
Leite p/consumo (1000 lt).....	74 670	78 137	89 862	84 069	99 410	99 105	114 240
Produtos lácteos (ton.s)	48 887	49 948	50 500	53 416	53 991	53 827	53 816
Manteiga.....	6 568	7 489	7 127	8 300	8 636	8 070	8 764
Queijo	27 229	26 296	28 697	29 105	28 948	28 354	28 958
Leite em Pó	14 782	15 859	14 324	15 692	16 102	17 067	15 789
Iogurtes.....	309	304	352	316	305	336	306

Fonte: SREA.

No ano de 2011, a produção de 27,3 mil toneladas de carne representa um acréscimo de 4,4% em relação ao ano anterior.

Esta evolução geral decorreu do contributo das produções de carne de bovino, de suíno e de aves, cujos crescimentos anuais registaram taxas médias de 4,5, de 0,4% e de 1,0%, respetivamente.

O caso específico do crescimento da produção de carne de gado bovino ficou a dever-se à evolução do abate em matadouros regionais antes de embarque, reduzindo-se, assim, a quantidade de cabeças de gado exportadas vivas.

Produção de Carne

	Ton							
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Gado bovino abatido	7 247	8 147	8 124	8 262	10 448	11 565	11 645	12 530
Gado bovino exportado vivo	11 983	12 222	11 740	9 631	8 436	5 511	5 200	5 077
Subtotal.....	19 230	20 368	19 864	17 893	18 884	17 076	16 845	17 607
Gado suíno abatido.....	5 364	5 688	4 611	5 146	5 706	4 655	4 827	5 136
Aves (abate).....	3 565	3 720	3 964	4 195	4 230	4 304	4 546	4 590
Total.....	28 159	29 776	28 439	27 234	28 820	26 035	26 188	27 334

Fonte: SREA.

Os dados do último Recenseamento Agrícola, para o ano de 2009, voltam a apontar no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / nº de explorações), de mecanização (densidade de tratores por área ou por exploração) e, por outro lado, redução dos recursos humanos envolvidos (produtores e população agrícola familiar).

Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variações 1999-2009 (%)	
				Açores	Portugal
Explorações (nº)	13 541	305 266	4,4	-30	-27
SAU (ha).....	120 412	3 668 145	3,3	-1	-5
Tratores (nº)	3 750	184 471	2,0	44	15
Produtores agrícolas singulares (nº)	13 360	297 381	4,5	-30	-27
População agrícola familiar (nº).....	42 481	793 169	5,4	-38	-36

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Considerando o conceito de orientao técnico-econmica a partir da relao entre as diferentes margens brutas de explorao das atividades desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 11 328 exploraes agrícolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma atividade, e 2 213 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas exploraes, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos mantm um predomínio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nível nacional.

Exploraes

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Exploraes	13 541	305 266	4,4
Segundo o grau de especializao			
Especializadas	11 328	203 440	5,6
Indiferenciadas/combinadas	2 213	101 826	2,2
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura.....	481	36 474	1,3
Fruticultura	1 225	26 844	4,6
Bovinos leite	2 816	8 123	34,7
Bovinos para gado/carne	3 539	16 135	21,9
Policultura	783	31 577	2,3
Diversos	4 747	186 113	2,6

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

A populao agrícola familiar era formada por 42 481 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nível de instruo intermédio. Efetivamente,  nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitaes do 2 ciclo ao secundário que se encontram representatividades superiores  média geral de 5,4% para a populao agrícola familiar.

População Agrícola

Unidade: nº

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
População residente.....	245 374	10 637 715	2,3
População agrícola familiar	42 481	793 169	5,4
Segundo as classes etárias			
< 35	16 334	182 572	8,6
35 a >45 anos.....	5 561	78 124	7,1
45 a <65.....	13 771	270 140	5,1
>=65	6 815	262 333	2,6
Segundo nível de instrução			
1º Ciclo.....	15 883	314 001	5,1
2º e 3º Ciclos.....	14 263	184 626	7,8
Secundário	3 829	69 294	5,5
Superior	1 722	51 902	3,3
Outros*	6 685	173 336	3,9

- Contempla indivíduos abaixo de 10 anos.

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Também no contexto português, as explorações açorianas, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilização de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilização destes recursos básicos às atividades agrícolas. Assim, não surpreenderá a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientação técnico-económica pelos bovinos gerará significativas margens brutas de exploração, que contribuem para a elevação dos índices médios.

Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,9	12,0	74,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,9	1,2	75,0
Eficiência (UTA/100 ha).....	9,6	10,0	96,0
Produtividade (1 000 €/UTA)	30,4	12,6	241,3

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

7. PESCAS

Os descarregamentos na rede de portos de pesca da Região Autónoma dos Açores somaram um total de 38,7 milhões de euros durante o ano de 2011, representando em relação ao ano anterior um decréscimo de 2,1%.

Este decréscimo no total da pesca decorreu de variações observadas nas duas grandes componentes, na de tunídeos e na de outras variedades de pescado, todavia por fatores de ordem inversa.

De facto, o crescimento no preço do atum não foi suficiente para compensar a quebra no volume de capturas do respetivo pescado e o decréscimo no preço das restantes variedades de peixes foi significativamente maior que o aumento dos seus volumes pescados.

Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	Anos						
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Volume (Tons)							
Total	9 254	11 860	15 883	11 528	9 441	18 944	16 092
Tunídeos.....	3 113	5 817	9 392	5 109	3 547	13 675	10 224
Restante Pescado.....	6 141	6 043	6 491	6 499	5 894	5 269	5 867
Valor (Mil Euros)							
Total	28 745	31 876	38 224	35 443	30 799	39 572	38 723
Tunídeos.....	2 336	3 463	6 254	5 798	5 659	16 469	15 035
Restante Pescado.....	26 409	28 413	31 970	29 645	25 140	23 104	23 689
Preço (Euro/Kg)							
Total	3,11	2,69	2,41	3,07	3,26	2,09	2,41
Tunídeos.....	0,74	0,60	0,67	1,13	1,60	1,20	1,47
Restante Pescado.....	4,30	4,70	4,93	4,62	4,27	4,38	4,04

Fonte: SREA.

Observando as principais espécies descarregadas, verifica-se que algumas evidenciam maior representatividade pelo volume de pescado, como é o caso do chicharro que em 2011 registou 973 toneladas, representando 16,6% do total.

Outras espécies destacam-se pelo valor monetário bruto que atingem, como o caso dos 3,4 milhões de euros de cherne em 2011, representando uma quota de 14,3%.

Além destes casos tipo limite, há ainda espécies que apresentam um certo equilíbrio entre volume e valor, cujo preço médio não atinge o máximo de 14,3€/kg do goraz, nem cai para o mínimo de 1,6€/kg do chicharro.

Principais Espécies Descarregadas, 2011

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea.....	320	1 009	3,2
Boca Negra	231	943	4,1
Cherne	266	3 387	12,7
Chicharro.....	973	1 558	1,6
Goraz.....	203	2 142	14,3
Imperador.....	47	563	12,1
Lula.....	668	3 109	4,7
Mero	20	184	9,2
Pargo	48	498	10,2
Peixão.....	421	2 917	6,9

Fonte: SREA.

Os descarregamentos na rede de portos de pesca da Região Autónoma dos Açores atingem uma dimensão significativa no contexto nacional, em termos de volume de capturas e, principalmente, da respetiva venda comercial.

Efetivamente, as 16,1 mil toneladas vendidas comercialmente por 38,7 milhões de euros, registaram quotas de participação no sector económico a nível nacional de 9,8% e 13,5%, respetivamente.

Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2011

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos.....	15 392	35 313	147 971	212 467	10,4	16,6
Crustáceos.....	11	146	1 950	15 942	0,6	0,9
Moluscos.....	688	3 261	14 223	56 274	4,8	5,8
Água doce e outros.....	0	0	92	1 194	0,0	0,0
Total.....	16 092	38 723	164 236	285 880	9,8	13,5

Fonte: INE.

A capacidade operacional da frota de pesca açoriana traduziu-se, no ano de 2011, em 704 embarcações licenciadas, dispendo de uma arqueação bruta de 7 239 unidades padrão e de motorização instalada com potência 45,6 milhares de kw.

Estes recursos produtivos representam uma dimensão no contexto económico sectorial português que encontra o seu reflexo correlativo na dimensão do pescado descarregado.

Embarcações, 2011

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número	704	4 866	14,5
Arqueação bruta	7 239	83 233	8,7
Potência (Kw)	45 647	308 928	14,6

Fonte: INE.

Nas licenças para pesca verifica-se o predomínio na utilização da arte de anzol, tendo atingido 1 611 casos, num total de 2 883, em 2011.

Sendo assim, minimizam-se riscos de delapidação de recursos naturais, que correm maior perigo com artes mais agressivas como do arrasto, do cerco ou de redes.

Licenças por Arte de Pesca, 2011

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol	1 611	9 188	17,5
Armadilhas.....	478	3 175	15,1
Arrasto	0	872	0,0
Cerco.....	71	288	24,7
Redes.....	723	6 904	10,5
Outras artes	0	407	0,0
Total.....	2 883	20 834	13,8

Fonte: INE.

Em 2011, o número de pescadores somou um total de 2 658 matrículas, atingindo uma representatividade de 18,2% no conjunto do sector a nível nacional.

A dimensão da representatividade a nível do sector pesqueiro português decorre da pesca local nas praias e orlas marítimas junto à terra e próximo do porto de abrigo da embarcação.

Pescadores, 2011

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Local.....	1 874	6 890	27,2
Costeiro.....	784	7 323	10,7
Largo.....	0	420	0,0
Total.....	2 658	14 633	18,2

Fonte: INE.

No ano de 2011, registou-se uma vítima de acidente de trabalho, que ocorreu durante um naufrágio, e 74 feridos na faina da pesca ou em atividades associadas, correspondendo, respetivamente, a 10% e 5,4% do total registado no país.

Registaram-se também 2 852 dias de incapacidade, representando, 3% do total no conjunto do país.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2011

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Mortos.....	1	10	10,0
Feridos.....	74	1 377	5,4
Dias de incapacidade.....	2 852	39 146	7,3

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

Durante o ano de 2011, o volume de 840,0 Gwh gerados pelo sistema electroprodutor regional representa um decréscimo de 1,1% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, o volume de 770,8 Gwh consumidos pelas famílias, empresas e outras finalidades, nomeadamente públicas, incorpora um crescimento de 2,9% em relação ao ano anterior.

Conjugando a variação da produção com a do consumo verifica-se que se registou um novo ganho de eficiência no sistema electroprodutor, que se pode medir pela redução das perdas. De facto, as perdas foram de 69,2 Gwh em 2011, enquanto no ano anterior tinham sido de 71,2 Gwh.

Eletricidade – Balanço

	GWh							
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Produção..	702,7	750,1	780,7	804,9	823,7	829,1	849,8	840,0
Perdas	80,7	82,6	77,5	76,6	70,0	72,4	71,2	69,2
Consumo ..	622,0	667,5	703,2	728,3	753,7	756,7	778,6	770,8

Fonte: EDA.

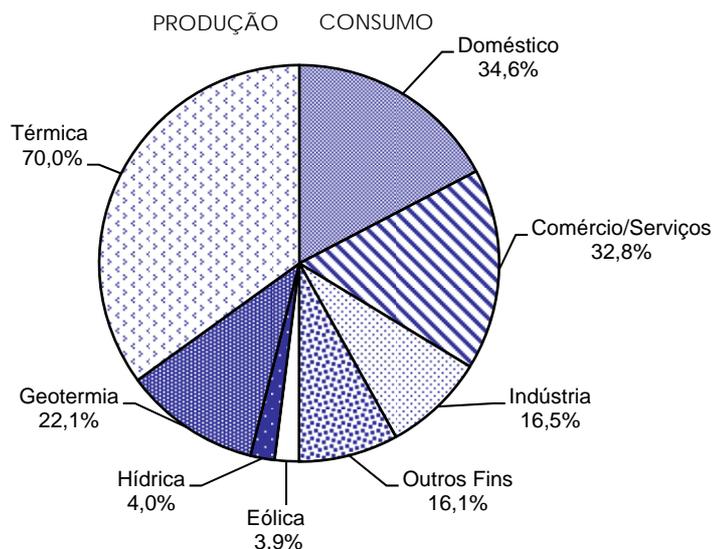
A produção com origem em fontes de energias renováveis progrediu a um ritmo de crescimento maior, alargando, assim, a sua representatividade. Efetivamente, as produções geotérmica, hídrica e eólica atingiram uma quota de 30,0% em 2011, enquanto no ano anterior tinham representado 28,1%.

Entretanto, o volume de produção global continuou a ser estruturalmente dominado pelas atividades das unidades geradoras de energia térmica, que representaram 70,0% do total.

Por sua vez, na ótica do consumo, os sectores doméstico e de comércio/serviços continuaram a ocupar cada um cerca de 1/3 do total, repartindo-se o terço complementar em partes sensivelmente equivalentes entre indústrias e “outros fins” (incluem-se os de iluminação pública).

Apesar de não se terem verificado efeitos significativos na distribuição entre tipos de consumos, as variações de crescimento foram mais moderadas nas indústrias e no comércio/serviços.

Estrutura da Produção e Consumo de Eletricidade – 2011



Observando a distribuição de indicadores segundo as diversas ilhas, assinala-se que os dados sobre produção total e número de consumidores evidenciam diferenças de dimensão.

Entretanto, em termos de produção segundo fontes renováveis verifica-se maior variabilidade e independência de fatores de dimensão, em termos de localização territorial das respetivas unidades produtoras.

Distribuição por Ilhas - 2011

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh)	21,7	445,7	214,3	13,8	31,0	48,2	52,0	11,8	1,4	840,0
Produção renovável (%) ...	5,7	47,8	9,6	10,8	3,9	11,1	5,9	49,7	0,0	30,0
Consumidores (nº de instalações)*	3 686	61 604	27 155	3 216	5 722	9 199	7 889	2 429	264	121 164
Consumo médio (MWh / nº instalações).....	5,3	6,7	7,2	3,9	4,9	4,6	5,9	4,6	4,4	6,4

* Ano de 2010.

Fonte: EDA.

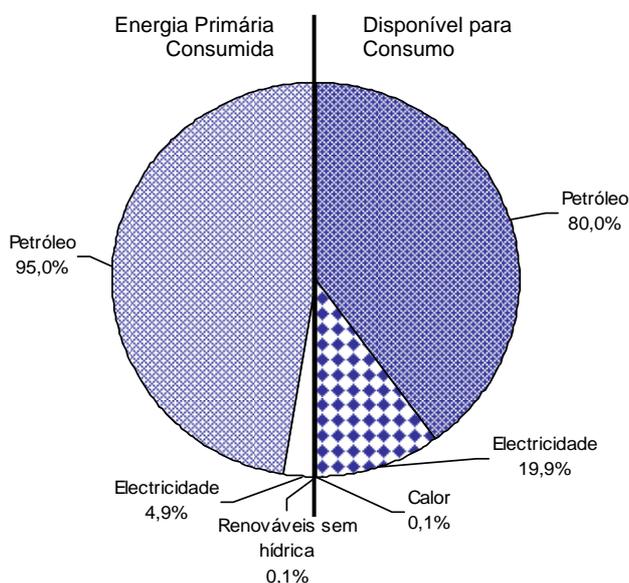
Balanço Energético

Os dados sobre o balanço energético para 2009 parecem situar-se num plano de confirmao dos sistemas e estruturas de produo e consumo de energias já detetáveis através dos dados disponíveis anteriormente.

A oferta de energia primária na Região Autónoma dos Açores baseia-se em diversas combustíveis fósseis (petróleo e derivados), sendo complementada por fontes renováveis (hídrica, geotérmica, eólica, ...) utilizadas diretamente na produo de eletricidade, numa proporo de cerca de 5% do total daquela energia primária.

Com a incorporao de novas formas de energia, particularmente através do sistema electroprodutor, a oferta disponível para consumo final continua a basear-se em combustíveis fósseis, mas o fornecimento através de eletricidade assume a proporo de 1/5 do total.

Balanço Energético – Oferta - 2009



Pelo outro lado, o da procura final segundo os diversos sectores, observam-se utilizaoes das diferentes formas de energia em proporoes variáveis.

O sector de transportes revela-se como o maior utilizador final da energia disponível, consumindo 43,7% do total e concentrando-se em absoluto, isto , 100%, na forma de energia primária de combustíveis fósseis – petróleo e derivados.

O sector de serviços consome cerca de 16% da energia disponível, recorrendo já à forma de eletricidade numa proporção de cerca de 63%.

O sector doméstico ocupa a terceira posição em termos de consumo final com cerca de 13% do total disponível e também recorre de forma significativa à eletricidade, representando cerca de 52% da energia consumida nos lares.

Nos restantes sectores, a saber, das indústrias, da construção e obras públicas e de atividades do sector económico primário, o consumo de energia através de combustíveis fósseis é predominante, sendo mesmo absoluto nas pescas.

Balanço Energético – Procura

Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sectores	Distribuição por fontes			
		Petróleo	Eletricidade	Outras	Total Geral
43,7	Transportes	100,0	0,0	0,0	100,0
15,8	Serviços	37,5	62,5	0,0	100,0
13,1	Doméstico	48,7	51,3	0,0	100,0
9,8	Indústrias	71,0	28,0	0,9	100,0
8,9	Construção e O.P.	96,2	3,8	0,0	100,0
6,2	Agricultura	95,0	4,3	0,7	100,0
2,5	Pescas	100,0	0,0	0,0	100,0
100,0	Total	80,0	19,9	0,1	100,0

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

As trocas de bens da RAA com mercados de países estrangeiros posicionam-se numa lógica de complementaridade da estrutura comercial baseada em circuitos de tráfego com a economia portuguesa.

A composição das trocas de bens reflete características decorrentes de especializações produtivas regionais e de padrões de consumo com influências de vínculos sociais e institucionais.

Os volumes de negócios (exportações mais importações) com mercados de países estrangeiros vêm-se situando na casa dos 200 milhões de euros.

Comércio Internacional de Mercadorias

	1 000 Euros				
	2006	2007	2008	2009	2010
Importações	90 071	102 890	96 411	127 605	150 049
Exportações	34 822	42 484	61 108	77 856	75 017
Total.....	124 893	145 374	157 519	205 461	225 066
Taxa de Cobertura (%).....	38,7	41,3	63,4	61,0	50,0

Fonte: INE.

Os dados sobre as grandes categorias de bens transacionadas mostram a importância de produtos alimentares e bebidas nas trocas com países estrangeiros, em termos de representatividade comercial e de efeito económico. Efetivamente, nesta categoria agregam-se negócios que frequentemente somam montantes anuais na ordem de algumas dezenas de milhões de euros, podendo gerar simultaneamente excedentes em termos de balança de comércio.

O caso mais particular de excedentes na categoria de combustíveis surge como um exemplo de bens sujeitos e indutores de variações associáveis a funções de abastecimento de meios de transporte no âmbito do tráfego internacional.

Por sua vez, as categorias de fornecimento industriais e de equipamentos, incluindo material de transporte, ocupam nas compras ao estrangeiro uma função associável a investimentos do mercado açoriano.

Comércio Internacional, grandes categorias

1 000 Euros

	Importaoes			Exportaoes		
	2008	2009	2010	2008	2009	2010
Produtos Alimentares e Bebidas	37 771	51 944	32 515	39 739	59 759	50 207
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias.....	39 188	30 864	32 700	611	5 087	150
Combustíveis.....	...	16 046	180	12 819	13 862	13 522
Máquinas, Outros Bens de Capital (Exceto Material de Transporte).....	5 374	10 067	11 967	473	942	7 554
Material de Transporte.....	1 357	13 202	67 817	...	3 068	1 801
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias.....	3 150	3 250	4 869	577	329	247
Outros Produtos.....	...	0	0	...	917	1 537

Fonte: INE/SREA.

Observando os dados sobre as trocas comerciais segundo as zonas econmicas poderão diferenciar-se padrões de estrutura e de evoluo.

Efetivamente, alguns deixam transparecer fatores mais associados a especializao em tecnologias, outras a consumos correntes de abastecimento e ainda outros a produtos tradicionais com nichos de mercado.

A quota mais significativa tem pertencido  EU. Entretanto, os mercados dos PALOP's vêm revelando uma certa regularidade de crescimento, comparando-se já os respetivos volumes de negócios aos realizados com países como EUA e Canadá.

Comércio Internacional por Zonas e Países

1 000 Euros

	Entradas/Importaoes			Saídas/Exportaoes		
	2008	2009	2010	2007	2008	2010
Uno Europeia	47 566	72 092	47 224	19 643	21 481	43 193
EUA	4 638	14 344	12 165	3 070	3 584	2 975
Canadá	472	3 443	65 062	1 783	2 358	3 747
Brasil.....	212	297	5 213	35	...	301
PALOP (s)	85	0	2 671	2 999	4 171
Outros.....	34 087	35 112	20 385	13 746	16 236	20 630

Fonte: INE/SREA.

10. TURISMO

O ano de 2011 pode considerar-se um ano de estabilidade global para a atividade hoteleira, já que o volume de 1,15 milhões de dormidas e o total de 382,5 mil entradas de hóspedes nos diversos tipos de alojamentos inquiridos pelo sistema regional de estatística apresentam pequenas variações em relação ao ano anterior, traduzindo-se, respetivamente, num decréscimo de 0,1% e num acréscimo de 0,3%.

Esta procura incidiu sobre uma oferta que cresceu em termos de capacidade física disponível, mas simultaneamente revelou alguma moderação com ajustamentos de tipologia e de exploração nas unidades hoteleiras.

A utilização das unidades hoteleiras terminou com uma ocupação média próxima da registada no ano anterior, traduzindo-se numa taxa de cerca de 32%.

Oferta e Procura Turísticas na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)				Dormidas			
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total
2005	8 075	313	395	8 783	1 136 452	19 381	17 843	1 173 676
2006	8 211	350	555	9 116	1 179 371	19 755	24 543	1 223 669
2007	8 153	609	735	9 497	1 184 375	19 679	87 018	1 291 072
2008	8 339	721	615	9 676	1 127 513	18 541	81 423	1 227 477
2009	8 566	820	543	9 927	1 004 804	20 603	82 723	1 108 130
2010	8 305	844	546	9 695	1 035 031	24 831	91 671	1 151 533
2011	8 465	822	524	9 812	1 033 525	23 049	93 875	1 150 449

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Se a procura registou estabilidade em termos globais, já a sua composição revelou variações significativas no que respeita a diferenças entre mercados emissores.

Efetivamente, se o número de 224,5 mil hóspedes residentes em Portugal implica um decréscimo à taxa média anual de 5,1%, já o conjunto dos mercados emissores agregados no número de 158 mil hóspedes residentes em países estrangeiros corresponde a um acréscimo à taxa de 9,2%.

O crescimento do número de hóspedes residentes no estrangeiro, acompanhado da sua habitual estadia relativamente mais prolongada, implicou que as respetivas dormidas nas unidades hoteleiras atingissem a quota de 51,7% do total, enquanto no ano anterior tinham representado 48,8%.

Procura – Principais Mercados

Hóspedes (milhares) e estadias (dormidas/hóspede),
segundo a residência / nacionalidade

	Hóspedes R. Portugal	Hóspedes R. Estrangeiro	Estadia R. Portugal	Estadia R. Estrangeiro
2005	206,7	140,0	2,7	4,9
2006	222,1	146,9	2,6	4,7
2007	237,0	146,6	2,6	4,6
2008	234,0	148,1	2,6	4,2
2009	221,8	135,6	2,5	4,0
2010	236,6	144,7	2,5	3,9
2011	224,5	158,0	2,5	3,8

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo e DREPA.

A distribuição intra-anual da procura em 2011 revelou-se significativamente próxima da observada no ano anterior que, graficamente, se traduz em sobreposições frequentes dos respetivos dados mensais.

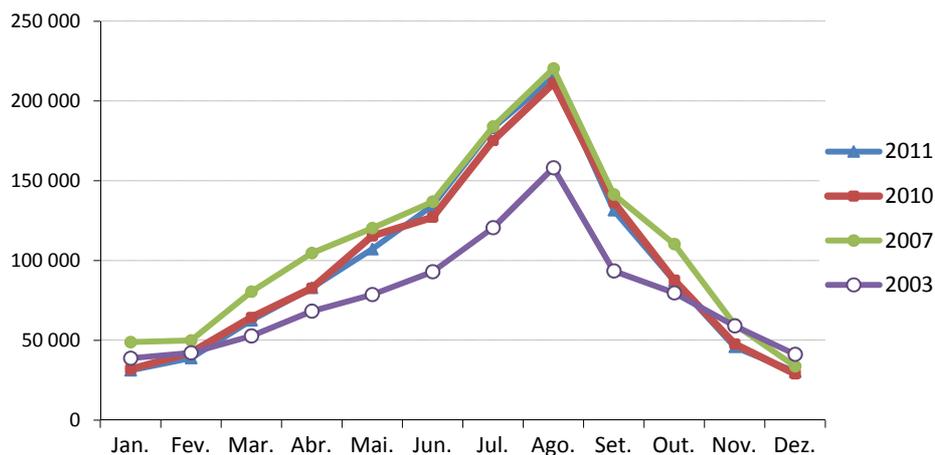
Todavia, uma observação mais precisa, através de cálculo da variação dos mesmos dados mensais, consegue-se verificar que a sazonalidade foi maior que a do ano anterior. Esta diferença representa um nível mínimo, é verdade, mas significativo na medida em que a procura por residentes no estrangeiro regista habitualmente maior sazonalidade, e essa mesma procura foi a base de sustentação para a procura global em 2011.

Enquadrando os dados globais mais recentes com os dos últimos anos, verifica-se que já se afastaram do nível historicamente mínimo aquando do

ano de crise de 2003, mas ainda não superaram o máximo atingido em 2007, antes do início da atual crise.

Sazonalidade

Distribuição intra-anual das dormidas



Em 2011, o total das receitas de exploração de 48,2 milhões de euros representa um decréscimo nominal e mais intenso do que o registado anteriormente.

Efetivamente, ao decréscimo com origem na redução do preço médio das diárias que já se verificara o ano passado, juntou-se em 2011 o efeito da própria redução na quantidade de dormidas.

Exploração das unidades hoteleiras

Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2005	52 952,6	36 678,2	20 075,0
2006	55 954,4	38 780,4	19 829,1
2007	56 808,6	39 854,4	19 087,6
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0
2011	48 242,9	35 104,9	19 028,8

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Os estabelecimentos de hotelaria tradicional continuam a caracterizar-se pela maior dimensão, permitindo economias de escala na relação do número de clientes hospedados com a capacidade de alojamento e de pessoal ao serviço.

Entretanto, se os hóspedes na hotelaria tradicional proporcionam-lhe os melhores níveis de ocupação, é no turismo em espaço rural que se observa a máxima atratividade por residentes no estrangeiro e os mais elevados proveitos de venda gerados por noite de estadia.

Dados de síntese e estruturas
Distribuição de variáveis em 2011

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Casas de Hóspedes	Total
Estabelecimentos	39,5	45,5	14,9	100
Capacidade de alojamento....	86,1	8,4	5,5	100
Pessoal ao serviço	93,5	4,8	1,8	100
Hóspedes	96,8	1,9	1,4	100
Dormidas (total)	95,7	2,1	2,1	100
Dormidas (resid. estrangeiro)....	96,2	3,0	0,9	100
Dormidas (época baixa *)	96,3	0,7	2,9	100
Proveitos totais	97,1	2,0	0,9	100
Proveitos de aposento.....	96,2	2,5	1,2	100
Despesas com pessoal	97,9	1,5	0,6	100

* Para efeitos de cálculo considerou-se a agregação do 1º com o 4º trimestre.

11. TRANSPORTES

Em 2011, o número de passageiros transportados nos transportes coletivos terrestres correspondeu ao total (soma do segmento urbano com o interurbano) de 8,2 milhões de viagens, representando um decréscimo de 1,0% em relação ao ano anterior.

O decréscimo de tráfego de passageiros verificou-se em ambos os segmentos. Todavia, dentro de cada um dos segmentos, verificou-se uma redução maior em percursos mais longos, conforme se pode concluir pela observação das respetivas variações de tráfegos medidas através da unidade passageiro-Km.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

Carreiras		2008	2009	2010	2011
<i>Interurbana</i>	Passageiros	7 784 658	7 329 742	7 301 564	7 225 125
	Passageiros/km	96 450 692	91 627 023	94 039 841	86 937 838
<i>Urbana</i>	Passageiros	1 169 407	1 000 639	1 001 820	997 557
	Passageiros/km	7 260 846	6 258 470	6 217 810	6 142 847

Fonte: SREA.

O total de 972 milhares de movimentos de passageiros embarcados mais desembarcados, durante o ano de 2011, nas infraestruturas dos portos comerciais açorianos, representa um crescimento de 1,1% em relação ao anterior.

Já o tráfego de 354 milhares de passageiros no canal entre a Horta e a Madalena, equivalente a 708 mil movimentos de embarques mais desembarques nas respetivas infraestruturas portuárias, representou um crescimento de 6,4% naquele mesmo período.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

	2008	2009	2010	2011
Total*	954 948	957 182	961 842	972 298
Canal Horta – Madalena	691 238	678 266	665 888	708 348

* Rede de portos comerciais, sem incluir os movimentos no canal Horta-Madalena.

Fonte: SREA.

O volume de passageiros movimentados nos aeroportos do arquipélago estrutura-se em grandes segmentos de tráfego, conforme respetivas origens e destinos: inter-ilhas e com o exterior, assumindo neste caso a maior representatividade com outros aeroportos portugueses, isto é, no tráfego territorial.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

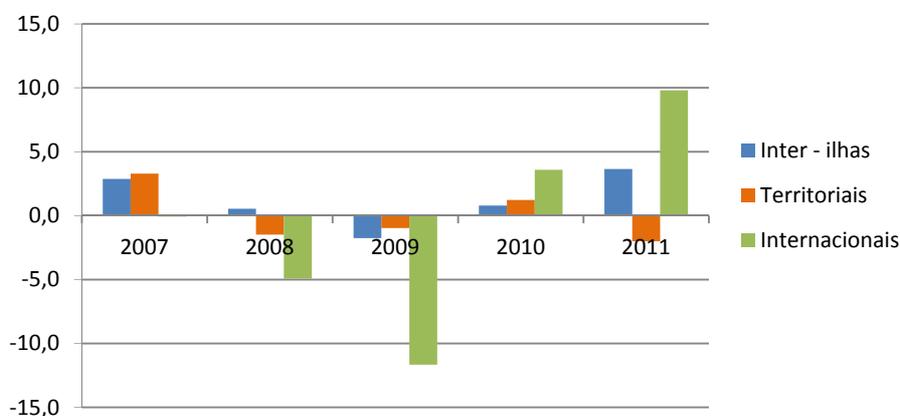
	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2006	827 567	695 955	228 378	1 751 900
2007	851 401	718 860	228 117	1 798 378
2008	856 017	708 221	216 954	1 781 192
2009	840 969	701 309	191 645	1 733 923
2010	847 623	709 939	198 518	1 756 080
2011	878 600	695 679	217 990	1 792 269

Fonte: SREA.

Entretanto, durante o ano de 2011, o volume de 1,76 milhões de movimentos de passageiros nos aeroportos, representou um crescimento de 2,1% em relação ano anterior, que decorreu da evolução nos movimentos inter-ilhas e nos internacionais, tendo os movimentos territoriais decrescido 2,0%.

Crescimento de Movimentos de Passageiros nos Aeroportos

Taxa média anual em %



O volume de cargas movimentadas nas infraestruturas dos portos comerciais somou, durante o ano de 2011, um total de 2,85 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de 1,1% em relação ao ano anterior.

Este crescimento resultou de uma evolução significativa nos carregamentos, tendo os descarregamentos registado um decréscimo absoluto.

Durante o mesmo período, as 9,7 mil toneladas de cargas movimentadas nos aeroportos voltaram a registar um decréscimo em relação ao ano anterior. Aliás, estes registos mais recentes de movimentos de cargas por via aérea parecem integrar-se numa linha de tendência dos últimos anos, ocorrendo particularmente de forma mais definida no tráfego territorial.

Cargas Movimentadas

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Aeroportos.....	13,2	11,9	11,3	11,7	10,6	9,7	9,7
Portos.....	2 825,6	2 857,5	3 050,1	2 905,4	2 780,9	2 814,3	2 846,1
Total.....	2 838,8	2 869,4	3 061,4	2 917,1	2 791,5	2 824,0	2 855,8

1000 Ton.

Fonte: SREA.

O total de 3 305 veículos automóveis novos vendidos representa um decréscimo à taxa média de 26,4% durante o ano de 2011.

Este tipo de variação anual envolveu o segmento de ligeiros e, também, o de comerciais. Todavia, estes últimos, à semelhança do observado em anos recentes, situaram-se num intervalo de variação relativamente mais contido.

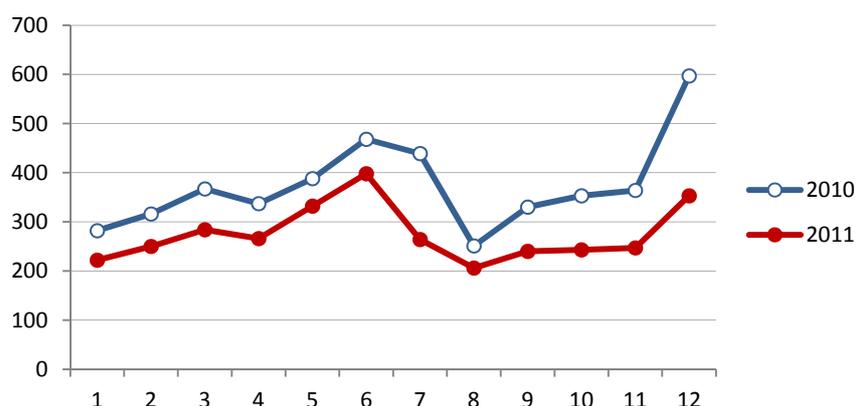
Automóveis novos vendidos, por Tipo e por Ano

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total.....	4 784	4 767	4 392	4 641	3 452	4 492	3 305
Automóveis Ligeiros.....	3 806	3 655	3 249	3 669	2 710	3 587	2 553
Passageiros.....	3 799	3 648	3 238	3 660	2 694	3 480	2 547
Mistos.....	7	7	11	9	16	107	6
Automóveis Comercias.....	978	1 112	1 143	972	742	905	752

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

A distribuição das vendas ao longo dos meses de 2011 seguiu um padrão comparável ao do ano anterior. Efetivamente, observou-se uma progressão das vendas ao longo do primeiro semestre, atingindo-se um pico em Junho, seguido de uma quebra em Julho e Agosto, voltando a crescer até novo pico em dezembro.

Automóveis novos vendidos mensalmente



Em 2011, o número de veículos cobertos contra riscos de viação pelo Instituto de Seguros de Portugal somava um total de 129 169, englobando tanto os novos que entraram durante o ano, como os transitados do ano anterior.

Em termos gerais, a entrada de novos veículos foi inferior à saída para abate, implicando um parque automóvel com veículos relativamente mais velhos. Continuou a aumentar a proporção de veículos na classe de idade com mais de 10 anos, em contrapartida das outras duas classes com menos anos de idade.

**Parque Automóvel Seguro nos Açores,
por classes de idade**

	Número de veículos	Distribuição por idade (%)			
		Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total
2009	116 306	25,0	41,0	34,0	100
2010	127 651	23,9	37,4	38,7	100
2011	129 169	21,6	34,1	41,3	100

Fonte: Instituto de Seguros de Portugal.

12. EDUCAÇÃO

No ano letivo de 2010/2011 matricularam-se 50 101 alunos nas escolas da Região Autónoma dos Açores, o que representa um decréscimo de 729 alunos em relação ao ano anterior.

Este decréscimo de alunos matriculados integra-se no processo geral e conhecido de redução do número da respetiva população em idade escolar.

Todavia, registam-se variações significativas entre diversas opções oferecidas pelo sistema educativo, conforme se pode observar pela distribuição das matrículas segundo o currículo regular e diversos programas ou vias alternativas de ensino.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

Ensino Oficial e Particular

Anos Letivos	Currículo Regular					Progra- ma Cida- dania	Ensino Recor- rente	Progra- ma Opor- tunidade	PROFUJ	UNECA PERE*	Ensino Profis- sional	Total Geral
	JI	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Sec.							
1999/00	6 793	17 638	8 730	11 017	8 473		1 633		373		747	55 404
2000/01	7 341	17 254	8 322	11 390	7 613		1 709		318		1 118	55 065
2001/02	7 318	16 448	8 340	10 587	7 342	112	2 292	776	339		1 411	54 965
2002/03	7 634	16 292	7 993	10 337	6 936	111	1 675	815	330		1 971	54 094
2003/04	7 710	16 125	8 007	9 517	6 831	52	1 026	1 151	917		2 358	53 244
2004/05	8 121	15 926	7 809	9 359	6 504	60	941	1 117	1 220		2 391	53 448
2005/06	7 894	15 389	7 471	9 160	6 266	37	814	1 126	1 403		2 884	52 444
2006/07	7 779	14 675	7 121	9 133	5 783	75	874	538	1 290	2 083	2 554	51 905
2007/08	7 822	13 813	7 070	9 191	5 976	42	1 037	365	1 432	2 205	2 711	51 671
2008/09	7 742	13 726	6 906	9 184	6 220	55	869	405	1 605	2 149	2 846	51 707
2009/10	7 825	13 099	6 649	9 327	6 611	-	798	1 964	1 104	790	2 661	50 828
2010/11	7 758	12 541	6 597	9 221	6 556	-	662	2 086	1 186	896	2 572	50 101

- No ano letivo de 2009/10 já não existe programa PERE. Os alunos foram introduzidos no programa Oportunidade. Entretanto foram iniciados os Programas Específicos do Regime Educativo Especial – PEREE.

Fonte: Direcção Regional da Educação.

A frequência escolar continua a alargar-se ao longo de diversos escalões de ensino, conforme se observa através das taxas de escolarização por idades.

Pode-se observar esta evolução nos escalões etários de idades menores, mas é nos escalões etários com idades de começarem a entrar no mercado de trabalho que mais se evidencia.

Nos primeiros escalões, apesar de se encontrarem dados compatíveis com alguma perspetiva de frequência mais alargada, verifica-se antes uma maior aproximação a um padrão geral com certa estabilidade.

Pelo contrário, nos últimos escalões, mais concretamente entre o de 16 anos e o de 18 anos, as variações anuais revelam ritmos de progressão mais expressivos.

Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

IDADES	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
3 anos.....	49,7	57,8	58,5	59,5	65,7	64,4
4 anos.....	82,2	85,4	82,0	86,2	88,5	88,7
5 anos.....	100,0	98,4	100,0	97,4	98,6	97,5
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
15 anos.....	92,0	94,1	97,8	99,5	100,0	100,0
16 anos.....	81,0	77,0	83,5	91,9	90,3	92,8
17 anos.....	69,6	63,4	68,3	72,1	78,0	78,5
18 anos.....	44,6	34,5	40,7	41,3	44,7	46,9
19 anos.....	27,1	23,2	24,8	25,3	26,0	24,9

Fonte: Direcção Regional da Educação.

No que respeita ao aproveitamento escolar no âmbito da escolaridade obrigatória, e medindo-o pela proporo de alunos que transitam ou que concluem definitivamente um ciclo, verifica-se que já se registaram níveis na ordem de 90%, mas as situaes mais frequentes encontram-se na casa de 80%.

Nos casos de frequência voluntária (secundária – 12º ano) o aproveitamento escolar encontra-se noutra patamar que, apesar de também revelar alguma tendência de alargamento, evidencia-se sobretudo por maior variabilidade anual.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)
Taxas de Transio ou de Concluso
 Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	10/11
4º	87,0	94,9	92,7	86,4	85,9	84,2	87,0
6º	79,6	90,3	90,7	90,7	91,9	88,9	87,9
9º	78,0	87,0	88,4	87,2	85,4	82,3	83,3
12º.....	54,1	50,5	65,5	66,9	61,1	66,2	60,2

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.
 Fonte: Direco Regional da Educao - Estatísticas da Educao.

No último ano letivo, a rede pública manteve a organizao do ano anterior, isto , 39 unidades orgnicas, sendo 16 Básicas Integradas, 8 Secundrias, 12 Básicas e Secundrias, 2 de Ensino Artístico e 1 de Ensino Profissional.

Nos edifcios, e respetivos espaços escolares, registaram-se certas alteraes, mais associveis a funcionalidades dos espaços do que  dimensão absoluta dos próprios edifcios.

No que respeita aos dados sobre pessoal docente afeto aos estabelecimentos de ensino da rede pública, observaram-se reajustamentos em funo de procura estudantil e de condies de oferta escolar.

Distribuição por ilhas

Ensino Oficial – 2010/11

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas	1	20	6	1	3	3	3	1	1	39
Edifícios Escolares	7	100	43	5	9	22	14	3	1	204
Espaços Escolares	73	1 386	618	63	108	152	141	55	12	2 608
Pessoal docente	134	2 776	1 111	96	188	304	274	81	15	4 979

Fonte: Direcção Regional de Educação.

13. DESPORTO

Na época desportiva de 2010/2011 inscreveram-se 23 261 atletas nas diversas modalidades desportivas, tendo sido inscritos e desenvolvido atividades através das respetivas federações.

Estes atletas foram acompanhados nas suas práticas de desporto federado por 1 124 técnicos, 1 049 árbitros ou juizes e 1 731 dirigentes ou outros responsáveis desportivos.

O número de 1 124 técnicos em 2011 integra-se numa linha de progressão com intensidade e regularidade significativas, favorecendo a consolidação de níveis de enquadramento e de formação desportivas.

Já em outras formas de enquadramento, veja-se arbitragem e dirigismo, observam-se variações anuais que se situam mais próximas da evolução geral, refletindo um padrão de acompanhamento mais estabilizado.

Evolução Desportiva

	2007	2008	2009	2010	2011
Atletas.....	20 419	21 102	21 921	21 844	23 261
Técnicos	816	938	1 007	1 078	1 124
Árbitros / Juizes.....	902	1 062	1 089	1 067	1 049
Dirigentes / Outros Agentes.....	1 572	1 533	1 564	1 529	1 731
Clubes / Entidades	349	358	377	383	404
Equipas / Grupos Praticantes.....	1 196	1 222	1 282	1 229	1 184

As cinco modalidades mais representativas na época desportiva de 2010/2011 foram o futebol (20,7%), o voleibol (12,8%), o futsal (9,4%), o basquetebol (6,8%) e o atletismo (5,6%).

Entretanto, destas cinco modalidades, apenas a de futsal revela um ritmo mais expansivo, sendo a única que manteve em cada um dos últimos cinco anos regularidade de crescimento, sem sinais evidentes de saturação.

As outras modalidades que também mantiveram regularidade de crescimento nos últimos cinco anos, mas que se situam a níveis de representatividade menor foram: canoagem, ciclismo e xadrez.

Indicadores – Época de 2010/2011

Modalidades	Atletas	Técnicos	Árbitros/Juizes	Dirigentes/outros agentes	Clubes/Entidades	Equipas/Grupos Praticantes	Nº jogos provas locais	Nº Part. provas regionais	Nº Part. provas nacionais	Duração da Época	Conc.	Nº ações de formação agentes desp. não praticantes b)	Nº ações de formação agentes desportivos praticantes
Andebol	825	30	28	62	12	50	345	420	136	7	5	1	0
Atletismo	1 297	56	123	40	30	47	712	418	184	8	12	4	0
Automobilismo	297	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0
Badminton	314	15	0	3	12	10	55	59	15	7	5	1	0
Basquetebol	1 577	94	131	92	22	109	965	729	360	8	7	17	1
Bowling	134	0	0	0	1	11	9	35	29	4	1	0	0
Bridge	41	0	0	0	1	3	104	0	20	11	1	0	0
Canoagem	115	11	12	5	6	3	72	83	6	6	4	0	0
Ciclismo	282	2	5	8	14	8	210	77	17	10	5	2	0
Columbofilia	33	0	0	0	1	3	0	17	0	5	1	0	0
Dança Desportiva	56	0	0	0	3	0	34	0	34	5	1	5	0
Equitação	273	0	5	0	4	10	161	62	10	4	4	1	0
Esgrima	28	0	0	0	1	0	0	66	38	0	1	0	0
Futebol de 11	4 810	260	115	749	56	225	2 496	900	544	9	19	17	1
Futsal	2 181	130	70	266	56	150	1 878	261	23	9		14	0
Ginástica Aeróbica Desportiva	167	5	11	6	3	10	47	129	72	5	3	0	0
Ginástica Rítmica Desportiva	82	5	10	7	2	5	54	116	13	5	1	0	0
Golfe	514	4	1	16	2	44	276	527	60	11	2	0	0
Hóquei em Patins	260	27	20	30	7	26	125	133	60	4	3	5	0
Jetski	66	0	0	0	2	2	40	96	21	6	2	0	0
Judo	926	51	69	44	15	48	120	187	243	5	7	6	0
Karaté	1 201	73	112	56	22	30	246	221	102	9	15	9	2
Kickboxing/Full-Contact	572	25	30	70	7	29	140	191	67	5	4	0	2
Motociclismo	78	0	0	0	3	4	0	190	6	0	3	0	0
Natação	773	37	55	11	7	48	311	284	103	9	5	2	0
Parapente	32	0	0	0	3	2	0	0	0	0	3	0	0
Patinagem Artística	211	4	23	2	5	9	49	33	37	6	1	0	0
Patinagem Velocidade	351	17	29	16	5	3	70	73	87	3	4	0	0
Pesca Desportiva	44	0	0	0	6	0	0	0	0	0	2	0	0
Pesca Desportiva Alto Mar	52	0	0	0	3	2	28	0	0	0	3	0	0
Surf	97	0	0	0	4	5	0	0	0	0	3	0	0
Ténis	682	19	9	26	5	47	47	292	146	5	4	1	0
Ténis de Mesa	951	46	38	42	17	50	663	133	176	6	8	3	0
Tiro com Armas de Caça	60	0	0	0	6	2	29	38	12	5	6	0	0
Tiro de Precisão	206	6	17	37	4	18	153	106	52	9	4	0	0
Triatlo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Vela	360	23	16	11	12	8	39	382	43	5	11	0	1
Voleibol	2 981	160	108	113	27	154	2 042	1 368	360	7	14	23	3
Xadrez	353	24	12	19	14	9	54	239	83	7	9	0	0
Andebol	825	30	28	62	12	50	345	420	136	7	5	1	0
Atletismo	1 297	56	123	40	30	47	712	418	184	8	12	4	0
Automobilismo	297	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0
TOTAL	23 283	1 124	1 049	1 731	a)	1 184	11 574	7 865	3 159			111	10

- a) Não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.
b) Ações de carácter formal destinadas a treinadores, árbitros e outros agentes desportivos não praticantes exceto dirigentes.

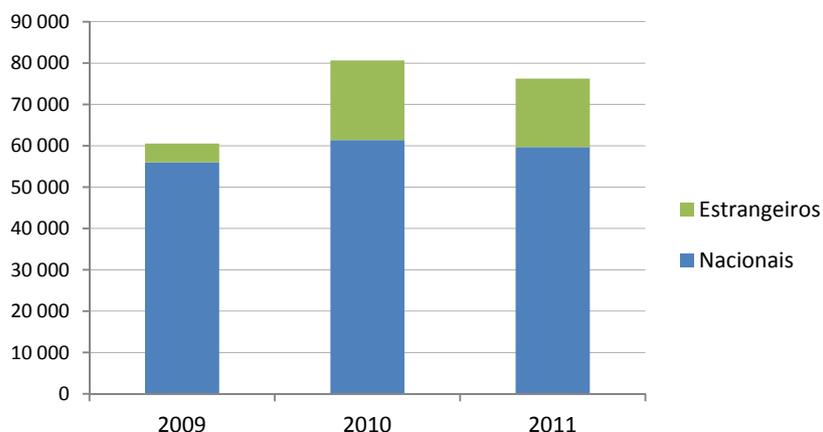
14. CULTURA

Nos museus que compõem a Rede Regional entraram 76 243 visitantes durante o ano de 2011.

Em relao ao ano anterior, o número de visitantes representa um decréscimo de cerca de 5%, mas, mesmo assim, foi significativamente maior que o número observado em 2009.

Nestes termos, registou-se uma certa flutuao nos números totais de entradas, decorrente sobretudo de variao nos visitantes com nacionalidade estrangeira, já que os números de visitantes portuguesas não se afastaram muito de uma ordem de grandeza de 60 milhares.

Visitantes aos Museus,
Segundo a nacionalidade



Quanto à modalidade de entrada verificou-se, em 2011, que as visitas pagas representaram 42 % do total, sendo realizadas na sua maioria pelo regime de acesso normal, mas abrangendo algumas formas mais particulares como as de grupos ou de reformados.

As formas isentas de pagamento contemplaram sobretudo visitas de extensão cultural, de estudo e de todas as realizadas aos domingos e feriados.

Nas bibliotecas públicas e arquivos regionais, durante o ano de 2011, observou-se a frequência de 93 244 utilizadores que requisitaram para leitura ou consulta 71 554 documentos.

Estes números traduzem uma média de 1,3 utilizadores por cada documento requisitado ou, de outra forma, cada utilizador requisitou habitualmente um documento, mas 21 690 requisitaram um mesmo documento duas vezes, em média.

Bibliotecas e arquivos Públicos Regionais Utilizadores e documentos consultados

Ano	Organismo	Utilizadores	Documentos
2011	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo	24 691	21 318
	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada	44 931	34 073
	Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça - Horta	23 622	16 163
Total		93 244	71 554

Fonte: DRC.

Ao longo do ano de 2011 decorreram atividades com expressões de artes musicais, de dança e de representação cénica, onde participaram e foram executantes, respetivamente, 104 filarmónicas, 62 grupos de folclore e 24 grupos de teatro.

Agremiações e Grupos Culturais

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas	1	35	24	4	15	13	8	3	1	104
Grupos de Folclore	3	22	20	1	2	8	5	1	0	62
Grupos de Teatro	1	5	9	1	2	3	2	1	0	24

Fonte: DRC

15. SAÚDE

No âmbito da medicina preventiva e de saúde pública foram realizadas 79 652 inoculações nos centros de saúde, durante o ano de 2011. Parte significativa destas inoculações são aplicadas sob a forma de vacinações em crianças de menor idade, mas também se verificam em campanhas e cuidados mais específicos, registando-se neste último caso maiores variações entre as diversas áreas cobertas pelos respetivos centros de saúde.

No mesmo ano de 2011, as consultas e os atendimentos nas urgências realizadas nos centros de saúde e nos hospitais contabilizaram, respetivamente, 584 milhares e 383 milhares de atos médicos.

Em relação ao ano anterior, estes números traduzem um acréscimo de consultas e uma redução de atendimentos nas urgências. Este tipo de variação foi comum aos centros de saúde e hospitais, parecendo integrar-se em linhas de evolução já esboçadas anteriormente no âmbito dos serviços prestados na rede regional de equipamentos de saúde.

Consultas e Urgências

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Consultas.....	507 715	508 567	558 002	558 049	563 452	584 328
Centros de Saúde* ...	313 939	302 075	332 082	315 935	318 957	321 717
Hospitais.....	193 775	206 492	225 920	242 114	244 495	262 611
Urgências	419 259	416 912	430 316	428 215	419 629	382 688
Centros de Saúde	262 208	262 343	274 380	273 015	256 015	232 218
Hospitais	157 051	154 569	155 936	155 200	163 614	150 470

* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Os serviços de internamento no conjunto das diversas unidades de saúde registaram um total de 29 304 doentes durante o ano de 2011, o que representa um acréscimo de 0,8% em relação ao ano anterior.

Por sua vez, a permanência daqueles doentes nas mesmas unidades de saúde saldou-se num total de 206 293 dias de serviços prestados, o que representa um decréscimo, mas a uma taxa média anual de 0,3%.

Nestes termos, a demora média resultante do número de dias de internamento por cada doente traduziu-se numa redução anual, dando continuidade a uma linha de evolução observada nos últimos anos.

O nível de utilização da capacidade oferecida pelo serviço regional de saúde traduziu-se, em 2011, numa taxa de ocupação de 57,3%, tendo a respetiva variação anual acompanhado a procura, já que a lotação oferecida tem por definição maior rigidez e, de facto, manteve-se praticamente constante naquele ano.

Internamento

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Doentes.....	26 870	27 761	29 116	29 305	29 072	29 309
Dias de internamento ...	211 997	214 924	212 167	211 922	206 874	206 293
Lotação.....	989	989	1 009	996	983	987
Demora média (dias)....	7,9	7,7	7,3	7,2	7,1	7,0
Taxa de ocupação (%).	58,7	59,5	57,6	58,3	57,7	57,3

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

O total de meios complementares dos atos médicos atingiu 4,9 milhões de ocorrências, incorporando um crescimento de 8,6% durante o ano de 2011.

Diversos tipos de exames e análises clínicas decorrentes dos atos médicos de diagnóstico atingiram 4,1 milhões de ocorrências. Estas ocorrências, até pelo seu peso estrutural, condicionaram o volume total de meios complementares utilizados.

Todavia, foi em atos de terapêutica como, por exemplo, tratamentos de fisioterapia, hemodiálise, gastroenterologia ou eletrocardiografia, que se registou um crescimento expressivo, atingindo uma intensidade nitidamente superior ao que tem sido o padrão nos últimos anos.

Meios Complementares

	2006	2007	2008*	2009*	2010	2011
Diagnóstico ...	2 879 754	3 176 640	3 338 872	3 490 480	3 799 841	4 127 076
Terapêutica ..	461 800	467 199	522 594	547 768	589 672	802 399
Total	3 341 554	3 643 839	3 861 466	4 038 248	4 389 513	4 929 475

*Foram retificados os dados de terapêutica.

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Os profissionais no sistema regional de saúde somaram um total de 4 560 elementos ativos, representando um acréscimo de 0,3% em relação ao ano anterior.

Atendendo ao volume de emprego de base e à intensidade de crescimento ao longo do ano de 2011, foram os grupos profissionais de enfermagem e de técnicos de diagnóstico e de terapêutica que contribuíram para o alargamento de níveis de qualificação dos recursos humanos ativos na rede de serviços oferecidos nas unidades de saúde.

Pessoal

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Médicos.....	510	514	491	495	541	515
Enfermeiros	1 212	1 256	1 336	1 311	1 388	1 403
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	226	238	257	265	276	295
Outro pessoal	2 367	2 371	2 433	2 367	2 341	2 347
Total	4 315	4 379	4 517	4 438	4 546	4 560

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Os serviços de saúde nas diversas ilhas distribuem-se e refletem diversas características de dimensão e de funcionalidade das valências exercidas.

Os atos de medicina preventiva e/ou primeiro atendimento, como por exemplo de profilaxia e de consultas, encontram-se mais generalizados e dispersos territorialmente.

Atos mais associados a medicina curativa e com maior intensidade operativa, como os casos que implicam internamento de doentes,

decorrem de forma mais frequente nas ilhas onde se localizam instalações de unidades de saúde mais diferenciadas.

Distribuição por ilhas %

	SMA	SMI	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Profilaxia.....	2,0	59,5	19,2	1,6	2,7	6,4	6,8	1,6	0,2	100,0
Consultas	2,2	51,9	21,0	2,6	3,6	4,9	11,2	2,2	0,5	100,0
Doentes.....	2,7	51,1	26,0	1,4	2,5	2,4	12,9	1,0	0,0	100,0
Lotação	2,0	51,1	22,7	1,6	5,4	4,4	10,9	1,7	0,2	100,0
Diagnósticos	2,0	52,6	25,9	2,0	2,8	5,0	8,5	1,2	0,0	100,0
Médicos	0,8	58,8	25,0	0,4	1,4	2,3	10,5	0,6	0,2	100,0

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

16. SEGURANÇA SOCIAL

O sistema de Segurança Social abrangia um total de 49 315 pensionistas em 2011, incorporando um crescimento de 0,5% em relação ao ano anterior.

O sentido da evolução total ficou a dever-se às categorias de pensionistas por velhice e por sobrevivência.

O crescimento na categoria de pensionistas por velhice contribuiu de forma mais significativa para a evolução geral, tendo registado uma intensidade superior à média, ao mesmo tempo que partia de uma base mais representativa.

Quanto ao crescimento na categoria de pensionistas por sobrevivência verificou-se uma evolução mais moderada, mas mais regularizada com a linha de tendência nos últimos anos.

No que respeita às pensões por invalidez em acidente ou por doença antes de atingir a idade de reforma registou-se um decréscimo de 1,2%, como que retomando a tendência dos últimos anos e que fora interrompida em 2010.

Pensionistas da Segurança Social

	Pensionistas (Total)	Pensionistas por		
		Velhice	Invalidez	Sobrevivência
2005	48 593	24 900	9 077	14 616
2006	51 137	26 294	9 208	15 635
2007	47 937	24 387	8 807	14 743
2008	48 155	24 534	8 783	14 838
2009	48 411	24 747	8 703	14 957
2010	49 088	25 204	8 896	14 988
2011	49 315	25 495	8 787	15 033

Fonte: C.G.F.S.S.

Em 2011, as receitas atingiram o montante de 222,7 milhões de euros, integrando um crescimento de 6,7% em relação ao ano anterior.

Esta evolução decorreu de contributos nas três componentes desagregadas no quadro abaixo: contribuições, rendimentos e outras.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2009	2010	2011
Receitas.....	208 828	208 690	222 617
Contribuições.....	200 956	201 406	203 159
Rendimentos	3 593	2 089	2 681
Outras.....	4 279	5 195	16 777
Despesas	176 180	195 456	197 240
Prestações dos regimes*	99 289	109 577	103 485
Ação Social.....	47 602	49 973	58 011
Administração e outras	29 289	35 906	35 744
Saldo (Receitas – Desp.)	32 648	13 234	25 377
Saldo (Contrib. –Prestaç.).....	101 667	91 829	99 674

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

Já as despesas registaram uma evolução mais moderada, particularmente por efeito das prestações dos regimes, mas também daquelas de carácter mais administrativo, que registaram reduções mesmo em termos nominais.

No âmbito das prestações dos regimes, algumas componentes, como a do rendimento social de inserção e a da proteção familiar, representam volumes significativos de despesa. Entretanto, têm sido diversas formas de apoio ao desemprego, nomeadamente a incluída na rubrica Repartição-Regime geral, que mais voltaram a agravar-se.

Despesas – Prestações dos Regimes

1 000 Euros

	2009	2010	2011
Rendimento Social de Inserção	19 755	20 522	16 443
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majoração .	6 645	7 489	6 110
COMPAMID *	1 863	2 328	2 772
Regime Não Contributivo	1 333	1 669	1 709
Regime Transitório dos Rurais	1	1	1
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas	1 337	1 280	1 135
Subsídio Social na Maternidade.....	1 243	1 171	1 199
Proteção Familiar	32 641	32 610	25 956
Prestações Sociais.....	1 611	1 857	1 975
Repartição - Regime Geral	26 702	40 405	46 079
Políticas Ativas de Emprego e Formação Profissional	93	244	106
TOTAL.....	78 886	109 577	103 485

* Complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos (DLR n°4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

Fonte: CGFSS.

Em 2011, o montante total na ordem de 58 milhões de euros com despesas de ação social, incorporou um crescimento médio anual significativo, traduzindo-se na respetiva taxa de 16,1%.

Em termos gerais esta evolução foi observável nas diversas componentes da ação social, e que se destinam a prevenir situações de maior carência e a apoiar pessoas e grupos sociais mais vulneráveis. Todavia, no caso particular das despesas na componente da Família e Comunidade registou-se uma intensidade de variação que, aparentemente, só poderá ser compreensível por alteração significativa de fatores e critérios de atribuição durante o período em questão.

Despesas – Ação Social

1 000 Euros

	2009	2010	2011
Infância e Juventude.....	24 789	26 017	29 049
Família e Comunidade.....	8 011	8 409	12 269
Invalidez e Reabilitação.....	4 048	4 313	4 828
Terceira Idade.....	10 754	11 234	11 865
Total.....	47 602	49 973	58 011

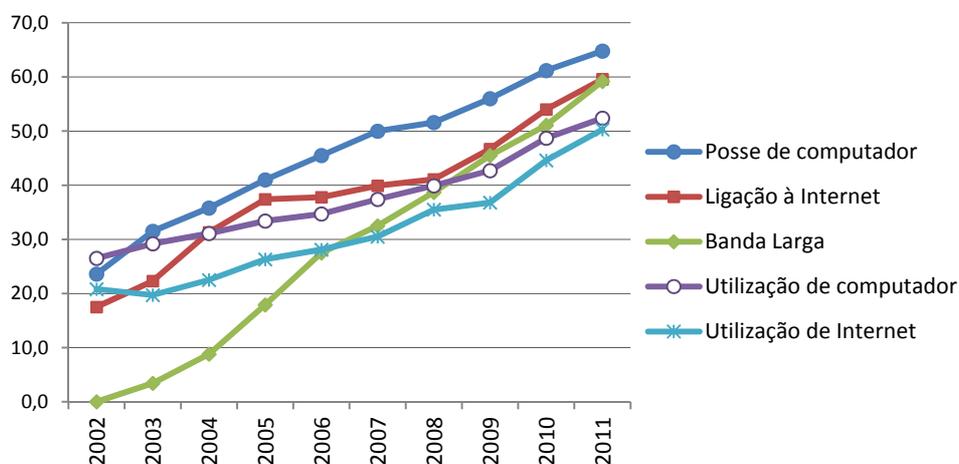
Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Os dados do Inquérito à utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias são reveladores das fases de difusão e dos níveis de acesso a condições e respetivos equipamentos.

A banda larga que iniciara uma fase de arranque por volta do ano 2005, já estava praticamente generalizada entre as famílias com computador e ligação à Internet em 2011. De facto, neste último ano, a proporção de 60% das famílias com banda larga praticamente correspondia à das famílias que dispunham de internet e aproximava-se da proporção de 64,8% das que possuíam computador.

Evolução de Tecnologias de Informação e de Comunicação nos Agregados Domésticos - RAA



Tendo a evolução na RAA seguido processos de difusão comparáveis aos também observados nas diversas regiões portuguesas, o padrão resultante apresenta intensidades situáveis a um nível médio do país, particularmente de forma mais evidente em termos de posse e de acessibilidade potencial a dados de informação.

Distribuição por Regiões, em 2011, de TICs nos Agregados Domésticos

Unidade: %

	Posse de computador	Ligação à Internet	Banda Larga	Utilização de computador	Utilização de Internet
Portugal.....	63,7	58,0	56,6	58,2	55,3
Norte.....	62,8	55,1	53,3	53,3	49,8
Centro	58,7	52,5	50,7	54,1	50,7
Lisboa	71,4	68,0	67,2	70,1	68,2
Alentejo.....	53,6	48,8	48,0	51,7	49,1
Algarve	63,1	58,3	57,1	61,9	58,7
R. A. Açores.....	64,8	59,6	59,2	52,4	50,3
R. A. Madeira	61,5	55,0	54,4	54,8	51,5

Fonte: SREA.